



ACREDITE SE QUISER!



LAÉ DE SOUZA



26ª EDIÇÃO



Projetos de Leitura

Autor - Laé de Souza

**ACREDITE
SE QUISER!**

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.

Projeto
LEITURA no PARQUE



Autor: Laé de Souza



CARAVANA DA LEITURA



Nos últimos três anos, os meios de comunicação mundial estão com grande interesse em mostrar para as massas a retrospectiva de fatos científicos, políticos e econômicos que marcaram o quadro evolutivo do século XX, anunciando a chegada do próximo.

Em paralelo, no Brasil, outro evento importante marca o ano 2000: a comemoração dos seus 500 anos. Nesse ínterim, as transformações sociais continuam ocorrendo no dia a dia e viram notícias por estar no núcleo das grandes mudanças, na família, na escola, no trabalho, em nossa comunidade. Um fato aqui, outro ali, e somente quando diversos focos em diferentes pontos surgem em curto tempo dão a devida atenção.

O que torna atrativa a obra “ACREDITE SE QUISE!” é a abordagem de temas tão significativos e apresentados através de eventos do nosso cotidiano e por personagens tipicamente do nosso povo - o povo brasileiro - o qual faz a nossa história: é você, seu amigo, um vizinho, um parente.

As crônicas desta obra retratam a nossa realidade não deturpada, mostrando a condição de sermos mutantes e página após página nos deparamos com o humor inteligente, a sutileza e a positividade. As personagens engraçadas ilustram e vivem histórias interessantes e nós, leitores, queremos sempre saber o final de cada uma para ler a seguinte.

Acredite se quiser! Nós somos a sociedade e a criamos com a nossa participação. E como será o próximo século o próximo milênio?!

Nita Osé

Copyright © Laé de Souza
Dados Internacionais de Controle (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
Acredite se Quiser!
Crônicas / Laé de Souza - 26ª edição - SP, SP
Editora Ecoarte, 2019

ISBN: 978-85-87588-13-5

1. Crônicas brasileiras I. Título.

00-2424

CDD-869.935

- Índice para catálogo sistemático:
1. Crônicas: Século 20 - Literatura brasileira
 2. Século 20: Crônicas - Literatura brasileira

Assessoria Editorial

G2R Comunicação

Capa

Nilza M. Spinelli

Ilustrações

Nilza M. Spinelli e *Rucke*

Fotografia

Nivaldo Amorim

Revisão

João Alvarenga

*Aos
amigos, professores, estudantes e
incentivadores que em parceria estão
fazendo real o sonho do
“Projetos de Leitura”.*

Laé de Souza

Índice

E se o mundo acabasse?	08
Descida na Terra	10
Neilando 2000	13
Pé Grande na Olimpíada	16
“Tá” chegando	19
Perneta na São Silvestre	21
Deus	23
A grande virada	25
Avanço ao próximo milênio	28
Por dentro de tudo	30
Trabalho de graça	32
Amor não tem idade	34
Pardo quase branco	37
Jantar dançante	39
Cada filho tem a mãe que merece	41
Um dia para ler manuais	43
Olimpíada de Matemática	45
Encobrimento do Brasil	48
Os dois amigos	50
Desconversa	52
Quem diria, Queixada virou pastor - I	54
Quem diria, Queixada virou pastor - II	57
Mania de grandeza	59
Pastor Queixada, meu vereador	61
Comício do vereador Queixada	64
Dois Brasis	67
Maria Sebastiana (Sasha)	69
Revedo-se	71
Separados?	73
Eta carnaval	76
De mal com a vida	78
Mudanças de um tocador	80

Carnaval, nunca mais.....	82
Atrevimento do Januário	85
Férias	87
Doo casa de praia e chácara	89
Glossário	92
Projetos de Leitura	94
Obras do Autor	95

Nota: Nas páginas 92 e 93 constam algumas palavras com seus significados (Glossário) para facilitar a compreensão dos textos.

E se o mundo acabasse?

Aquele dia foi de alvoroço. Cruzei com um amigo acostumado à prosa, que estava numa correria e recusou-se a conversar, alegando que não podia perder tempo, pois tinha algumas coisas a concluir, antes de começar a escurecer. Espantou-se com a minha ignorância de que o mundo estava prestes a acabar (preciso encontrá-lo para ver o que tanto não podia ficar sem fazer). Por preguiça, não escrevi naquele momento. Se acabasse mesmo seria desperdício de tempo. Mas, entre a dúvida de ficar no meu canto a rezar, e sair a indagar e a observar, venceu a curiosidade.

Uma mulher que tinha um caso antigo com um vizinho convenceu-o a se levantar bem cedo e, sem dar satisfação aos cônjuges, dirigiram-se a um jardim e com olhos fixos no firmamento, de mãos dadas, esperavam a chegada do Senhor.

Uns doaram bens numa atitude desesperada da busca do paraíso. Juliano vendeu esperanças e garantiu lugar privilegiado a quem tinha posses. Aos de menos recursos, por preço camarada, um lugar mais na frente da fila. E faturou um troco legal.

Mães de santo cobraram uma fortuna para prorrogar o fim. O pastor Queixada me garantiu que o mundo só não acabou, como previsto, por sua intercessão e para que desse tempo para alguns irmãos de se arrependem. Mas, avisou-me que não vai dar para segurar por muito tempo, portanto, amigos, desapeguem-se dos seus bens.

Muitos rezaram, confessaram-se e se arrependem.

Minha filha me fez perguntas que nunca ousara. Minha mulher me questionou umas coisas esquisitas, que prometi responder assim que escutasse a primeira trombeta tocar e visse os anjos descendo do céu.

Gumercindo não despregava os olhos do relógio e de nada resolveram os calmantes. Chorava que dava dó, pedia perdão à mulher por falhas e contou coisas que só se contam na hora da morte, e morte certa mesmo.

Chiquinho abriu as gaiolas, soltou todos os pássaros e se escondeu debaixo da cama. Roberval, devedor contumaz, fez mais compras e mandou que todos os credores viessem no dia seguinte.

MAS NÃO ACABOU!

Assim, por culpa de um tal de Nostradamus, o que ia até mais ou menos se encrencou. A mulher do Gumercindo retirou o perdão e foi para a casa da mãe com as crianças, não sem antes dar uma bofetada no sujeito e ameaçá-lo de proibir visitas aos filhos.

Chiquinho chora a falta dos pássaros e Roberval se esconde dos cobradores. A mulher e o vizinho tiveram de juntar as trouxas e fugir. Eu ando me esquivando da minha mulher, mas sinto que, a qualquer hora, ela vai me pegar de jeito e vou ter de responder àquela pergunta, e aí, não sei não... Por tudo isso, Manelão interrogou-se “Ele erra na profecia e *nóis* é que se ferra?”

Descida na Terra

Jesus batia um papo descontraído e observava o vagar das estrelas, quando João falou:

- É, Mestre, logo, logo será o ano 2000.

Ao que Jesus respondeu:

- João do Céu, se tu não comentas eu nem percebia, de tão rápido que passou.

Reuniu seus discípulos e pediu um voluntário para ir à Terra dar uma olhada em como andavam as coisas, pois, já era tempo de ele voltar. Como acontece também por aqui, quando surge a necessidade, alguns fizeram de conta que não ouviram, outros que andavam com outras ocupações.

A verdade é que ninguém manifestou interesse, pelo que o Mestre determinou que viesse Pedro. O Guardiã do Céu tentou esquivar-se, alegando a sua responsabilidade de cuidar da porta, ao que Jesus respondeu que ele era de sua inteira confiança, embora não tivesse esquecido que o negara por três vezes e estivesse percebendo que, ultimamente, ele estava mandando entrar sem muito questionamento. Portanto, que passasse as chaves provisoriamente para Lucas ou que deixasse a porta aberta de uma vez. Assim, Pedro, munido do seu caderno de anotações, desceu à Terra para trabalhar com a ordem de que fosse rápido.

Passado um tempo, Jesus, contrariado, ordenou que se formasse um furacão arrebatando Pedro que, na sua frente, foi questionado:

- Não estou te reconhecendo, Pedro. No meu tempo, na Terra, eras um santo. Agora que estavas

sozinho, não sei o que andaste a aprontar que foste morto e, por três vezes, tive que te ressuscitar. Ordenei que fosses com rapidez e nunca mais quiseste voltar. Te apareci em sonhos e visões, chamando-te a me prestar contas, e tu, nem aí. De que lado estás, afinal?

Pedro, com respeito, e com olhos voltados para a Terra, lá longe, respondeu:

- Perdão, Senhor, mas é que tudo está mudado. Voltar em cima do lombo de um jumento e nascer em uma manjedoura, nem em sonho. Eles se locomovem em veículos, voam aos montes numa coisa chamada avião e até ouvi boatos de que já foram à lua. Pois é, aquela mesma a que o Senhor nos proibiu de ir nos nossos passeios, eles já foram lá. As mensagens que demoravam uma vida para chegar, eles agora mandam na mesma hora por Internet. Computação é o que há, no momento, e se Tu resolveres descer, Senhor, irás ter de aprender a lidar com essas coisas. E seria até bom para acabar com esse fichário todo daqui. Outra coisa, aquela pregação para a multidão sem gravar um CD, nada feito. Tu terás que chamar algum desses compositores que vieram para cá para fazer uma letra qualquer, senão a turma não vai às tuas pregações. Lembras de como a gente se gabava quando Tu pregavas para mil pessoas? Agora, através de uma tal de televisão, fala-se com milhões. E Tu tens de ir preparado para as câmeras, senão ninguém vai te dar atenção. Quanto a morrer por três vezes, Senhor, a coisa lá embaixo está tão complicada que nem santo consegue ficar vivo. Os teus chamamentos eu ouvi, mas confesso que era tanta novidade que eu estava confuso e até agora estou sem entender muita coisa.

Jesus irritou-se e ameaçou descer e acabar com tudo, ao que Maria, que tudo ouvia, intercedeu pelos homens, pedindo paciência e que Ele desse nova chance. Quem sabe eles caíssem na real.

O Mestre cedeu ao apelo, mas avisou que daria

apenas mais um pouco de tempo, e pela última vez. E cochichou para Pedro:

- No próximo milênio, sem estardalhaço, tu vais comigo e se a coisa estiver igual, eu encerro o assunto na hora.



Neilando 2000

Clementina vinha observando uma mudança no comportamento do Neilando e, no *réveillon*, uma alegria incontida, fato inusitado, fez com que ela lhe chamasse a atenção e estranhasse ele fazer de conta que não ouviu.

Na semana passada, ele reuniu a mulher e os filhos para uma conversa séria. O mais velho, que ouvia um rock, resmungou um “De novo?!” e abaixou um pouco o volume, sendo obrigado a desligar o aparelho por imposição de Neilando. A filha falou que achava bom mesmo aquela reunião, pois estava descontente com a sua mesada e com as regalias dadas ao irmão mais velho, por conta do resquício machista incutido em mentes ultrapassadas. Ia reclamar pela igualdade. A mulher exigiu que ele fosse rápido com a conversa, pois tinha coisas a fazer e hora marcada no cabeleireiro. Da última vez, ficaram horas e horas sem resultado prático nenhum. E espinhou um “Aliás, como em tudo que você faz.”

Neilando pigarreou, anunciou que seria breve e que nunca mais seriam convocados para outra reunião familiar. Pelo menos com ele no comando. “A partir de agora, estão todos livres para fazer o que quiserem das suas vidas. Eu estou indo, sem olhar para trás”, disse ele. Clementina deu um sorriso de quem não estava acreditando na história. O filho menor abriu um berreiro. A filha começou a sonhar com o namorado, com quem Neilando implicava, entrando em casa e se apossando do sofá, com a cabeça no seu colo, e ela lhe fazendo cafuné e trocando beijos. Clementina deixou de controlar o relógio, achando que a coisa era séria, a partir do instante em que Neilando lhe mostrou o contrato

de locação do apartamento e as notas de compra dos móveis a pagar. Assim, precisavam equacionar a divisão financeira. Numa discussãozinha, ele pediu de volta um anel de diamantes para ajudar nas contas. Depois de tentar convencê-lo, no grito, ela partiu para o lado das crendices, alertando-o de que fora presente e, quem dá e toma, corre sério risco de nascer-lhe um calombo nas costas. Neilando contra-argumentou que isso era idiotice ultrapassada, pois o presidente, que era o presidente, estava pedindo de volta a imagem de Sant'Ana Mestra com que presenteara o papa, que era o papa; imagina se iria acontecer alguma coisa com ele, que estava tomando de uma pecadora. Levou um tapa por conta da pecadora, que também acho que foi pesado demais. E a coisa esteve perto de virar caso de polícia, mas esfriou com o tal anel sendo jogado, na mesa, pela Clementina com um “Faça bom proveito.”

Neilando começou a arrumar suas roupas e Clementina pegou uma caixa de fotos e cartas antigas. Olhava as fotos do passado no maior amor e perguntava



ao Neilando o porquê daquela atitude. Ele respondeu que tinha decidido iniciar o milênio sem aborrecimentos e de vida nova. Ela, num momento de lucidez, pediu que então deixasse para o outro ano, que era quando realmente, em sua opinião, teria início o novo milênio. “Tu tá influenciado pelo *marketing*, Neilando.” Ele respondeu-lhe que não importava, estava decidido a ser Neilando 2000 com novas propostas de vida.

Ela o chamou para ver uma foto em que, na praia, os dois abraçados se beijavam sensualmente. Ele olhou e pegou uma outra foto da caixa em que a levava nas costas de cavalinho. Ela sentiu que ele estava amolecendo. O filho mais velho já estava com o rock nas alturas, a mocinha estava no telefone com o namorado e o menor estava no videogame. Fecharam a porta para que eu não visse o final, mas tenho para mim que o Neilando não vai embora não. Depois lhes conto.

Pé Grande na Olimpíada

Pé Grande não entendeu nada ao abrir a porta e ser abraçado por Calunga. Muito menos ao ser informado de que estariam os dois na Olimpíada para representar o Brasil. “Se for em futebol de bola de meia ou em cachaçada, tô em forma e garanto medalha de ouro”, dizia Pé Grande. “Nada disso. É boxe mesmo. Tu vai no lugar de Argemiro, lá da academia do Machadinho, que se machucou no treino”, informou Calunga.

De nada adiantou dizer que não era saco de pancadas e que não toparia a parada. E ele já previa isso porque, quando o Calunga cisma com uma coisa, não há quem lhe tire da cabeça. Lembrou-o do seu tempo de moleque quando, nas brigas de rua, sempre levava a melhor e não foram poucas as vezes em que levou corrida dos pais dos garotos por tê-los surrado. “Direto, firme e potente igual ao teu, vi poucos, juro”, dizia Calunga. “Era briga de rua, boxe é diferente, tem técnica”, retrucava Pé Grande. Se bem que o argumento que o convenceu foi dizer que, na verdade, a coisa era mais com intuito de passear e assistir ao jogo da seleção do Brasil que, decerto, traria a medalha de ouro. “O Arthurzinho anda dizendo que Olimpíada não é piquenique, com o que concordo, mas pode ser turismo.” Ante o olhar interrogativo do Pé Grande, Calunga explicou “Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro.” Pé Grande ignorava a aproximação do amigo com esse pessoal, mas em todo caso... Ficou, então, resolvido: Calunga seria o treinador técnico e o Pé Grande subiria ao ringue com o propósito de cair ao primeiro ataque do adversário. Assim,

começou a maratona no bairro, fazendo arrecadação para as despesas com a viagem e uniforme adequado para o atleta. Confeccionaram uma faixa para fazer pedágio nas ruas, ficando o Zeca como tesoureiro, embora se comente que a coisa foi na base de dois por um. Dois para o Zeca e um para a viagem. Dona Jucimara, desconfiada como sempre, negou-se a dar qualquer centavo, ao que Calunga retrucou que, ao subir ao pódio, o atleta se lembraria da recusa dela em ajudar. Zebu, dizendo que tinha amizade com Maguila, desde os tempos em que eram ajudantes de pedreiro, no bairro de São Miguel, propôs-se a chamar o pugilista para servir de *sparring* para o lutador, o que foi descartado de imediato por Calunga, diante dos olhos assustados do atleta.

Seguiram viagem. Em Atlanta, a coisa começou a tomar outro rumo. Com o empate e a vitória da seleção brasileira de futebol feminino, que estava desacreditada, e medalha de bronze dos judocas Aurélio Miguel e Carlos Henrique, Calunga exigiu do *boxer* mais empenho nos treinos e achava que ele tinha condições de levar a medalha. “O Brasil acredita em você, Pé Grande”, inflamava Calunga. Imbuído de espírito patriota, via-se



nosso homem correndo pelas ruas e fazendo exercícios na Vila Olímpica. Na hora de subir ao ringue, Calunga fazia as últimas recomendações: “Não esqueça de agitar a bandeira brasileira e levá-la às costas, é tradição entre os vencedores brasileiros; de falar do patrocínio do Bar do Magrão e, especialmente, de dedicar a vitória ao seu treinador.” Na primeira queda, Calunga dava a maior força moral, mas na segunda, meteu a bandeira brasileira por baixo da camisa e, quando cruzava o portão, o juiz contava dez e dava a vitória, por nocaute, ao adversário. Calunga continuou por lá e assistiu até a final do basquete feminino. Pé Grande continua em tratamento médico, com difícil recuperação, o que certamente trará grandes problemas para a Camisa Verde, que terá de arrumar outro sambista para substituí-lo no próximo carnaval.

“Tá” chegando

O jantar de confraternização já está marcado para a próxima quarta. Avisei que não iria e vieram falando de falta de coleguismo, o ano todo juntos, e me convenceram. Mas, se for igual ao de sempre, e tenho certeza que será, vão se arrepender.

O Dilermando, depois de uns pileques, dará umas piscadinhas para a Clotilde, que corresponderá com um sorriso disfarçado e aceitará sua oferta de carona. Eu já estou com o celular do noivo dela para avisar assim que saiam, que espere a chegada dos dois, na casa dela, e vou insinuar que não tenha pressa, pois do jeito que saíram melosos vão demorar um bocado.

O patrão, com certeza, fará seu discurso e nos presenteará com aquele vinho. Assim que receber, vou falar “De novo esta porcaria? O ano passado me deu uma ressaca...” Quero ver a cara dele.

Edilei vai ficar com aquela sua alegria costumeira e, lá pelas tantas, começará a dançar com todo mundo. Já avisei para minha mulher “Conheço bem o tipo. Se você se atrever a dançar com ele, como no ano passado, vão levar uns sopapos, os dois.” De qualquer forma, seja com quem o pé de valsa estiver dançando, vou ficar falando “Aperta menos, Edilei.”

Vou ser o último a sair e, no dia seguinte, com todos sóbrios, vou contar tintim por tintim tudo o que aconteceu com cada qual.

Em casa, já começaram a chegar os cartões de Natal, até do banco, desejando-me felicidades. Que contrassenso! Será que se esqueceram de que são eles

os culpados por fazer meu nome virar o século no SPC?

Minha sogra já avisou “A noite do Natal vai ser lá em casa.” Nem precisava, sempre foi e sempre será.

Meus sobrinhos e, também, meus filhos estarão naquela gritaria e aquele som nas alturas. Meu cunhado, de pileque, desde cedo, com umas conversas sem lógica. A mulher estará de cara emburrada e reclamando da vida. Minha sogra querendo que a gente coma mais e mais. Aquele namorado da minha sobrinha vai querer, novamente, fazer chuva de champanhe. E eu vou ficar bem do lado para lhe aplicar um tabefe. A Laurinha vai beber legal e ficará dando risadas escandalosas, enquanto a Gertrudes, sem deixar a coxa do peru, ficará chorando e lembrando de quem não tem o que comer. Fazendo fita, de novo. O marido da minha cunhada estará soltando rojões e insistindo para que todos saiam para ver. E, com certeza, novamente brigará com ela e afirmará que não tem perigo nenhum o filho de doze anos soltar um foguete. Ele garante.

Desta vez, eu vou ficar bem lúcido e falar as verdades para todo mundo “Não quero ouvir suas bobagens”, “Vou comer só isto e pronto”, “Não acha que você está alegre demais não, caboclo?”, “Pare com essas risadas horríveis”, “Deixa de cena”, “Nesse fogo, tu não cuida nem de ti, quanto mais...”, “Que feliz Natal, que nada, você sempre quis me ferrar.” Pena que aquela sobrinha esnobe vai estar em viagem com o noivo... Paciência.

Olha amigo, não me venha com conversas de que estou assim por estresse, excesso de trabalho, porque meu médico me falou isso na semana passada, e o seu olho continua roxo.

Perneta na São Silvestre

Aguinaldo, que vinha se preparando para correr na São Silvestre, por Coxia, sofria o dissabor de, com a perna quebrada, ter de desistir. De emergência, providenciou-se uma corrida eliminatória, chegando em primeiro lugar a Perneta. Após os prêmios, reuniram-se para discutir sobre a sua participação na São Silvestre.

O secretário de esportes votou contra a saída da verba de sua secretaria para ajudar, pois via pouca chance de vitória, visto que uma corrida de tal envergadura, dificilmente, um aleijado ganharia. Referia-se a uma leve torção que o corredor sofrera, quando criança e o levava, até hoje, a puxar a perna esquerda, valendo-lhe o apelido. Sabia, também, que o senhor Avariando (nome do Perneta) era dado a tomar umas pingas, o que não condizia com o comportamento de um esportista. Perneta, que tinha ficado calado até aquele momento, enfureceu-se “Pera aí, meu caro. O Ronaldo, lá de Descoberto, Minas Gerais, já teve anemia e nem por isso deixou de ganhar no ano retrasado. O baixinho não vai ganhar, neste ano, pois agora sou eu quem vai apresentar Coxia para o mundo. E de beber, é o seguinte: sou igual a muitos motoristas, quanto mais bebo, mais corro.” E foi saindo, sem querer saber de mais conversa. A oposição segurou o homem, prometendo verba para as despesas.

Representante oficial de Coxia na corrida, Perneta era saudado por todos e fazia seus treinamentos diários com torcida. O patrão dispensou-o do trabalho, com direito à remuneração, pelo que prometeu, nas entrevistas da vitória, elogiá-lo. Está certo que, normalmente, mais

faltava do que trabalhava, mas valia a colaboração. Ermenegildo, pretendente a candidato a prefeito, mandou Perneta arrumar empréstimo e, tão logo recebesse um dinheiro que estava a juros, daria-lhe para pagar. Mas, tinha de prometer subir com ele nos palanques em sua campanha. Daria o dinheiro em janeiro. Quando perguntado pelo Perneta, se daria o dinheiro, ganhasse ou perdesse a corrida, Ermenegildo desconversava com um “Você vai ganhar, você vai ganhar.” Seu Quindim, que agora já não cobrava as pingas que o Perneta tomava em sua quitanda, dizia que a cachaça pela vitória seria por sua conta. Fartos convites para churrascos, dificilmente recusados.

Chegara o grande dia. Reservaram hotel em São Paulo. O Perneta exigiu que pelo menos fosse quatro estrelas. Levou uma bandeira de Coxia, uma do Brasil, e tinha pinta de atleta vencedor. Fretaram um ônibus para a torcida que ficaria em um hotel mais barato. Na noite anterior, para festejar, reuniu-se com Pé Grande, Trator e o Chiquinho num bar do Bexiga e rolaram cantando samba e bossa nova, só interrompidos para tomar mais um gole da branquinha. Calibrados, dormiram, na calçada mesmo, acordando com o pipocar dos fogos da meia-noite, a chegada do Ano Novo e um bêbado que passava gritando Viva aos quenianos.

Perneta não voltou à cidade nem para pegar suas roupas. Os três companheiros nem tocaram no assunto de tê-lo visto. Os mais velhos choravam a vergonha, enquanto outros gozavam e contavam piadas. O secretário aceitou as desculpas do prefeito e reassumiu seu cargo. Ermenegildo, pessoalmente, queimou as faixas e desmanchou o palanque.

Deus

Matutou que talvez estivessem pensando que Deus não mais existisse, portanto, devia se manifestar. Assim, começou a interferir nas vidas. Uns que estavam andando juntos, fez com que se separassem indo para direções opostas. E sorria, quando via que eles não entendiam nada do que tinha acontecido.

Fez milagres, levando comida aos montes e tornando cargas mais leves de forma inesperada. Claro que dependia do seu astral o que iria aprontar no dia. E, quando era, no final da tarde, avisava que rezassem para que ele, o seu Deus, no dia seguinte, acordasse de bom humor. Talvez, eles não entendessem. Poucos pobres mortais conseguem entender as palavras de um Deus, que ouvem como se fossem trovões e relâmpagos.

Muitos ele matou sem mais, nem menos, mas não é nenhum crime para um deus matar. “Eu concebo e tiro a vida quando quiser”, pensava. Em alguns que ele viu parados, percebeu oração fervorosa e deixou que continuassem seu caminho. Provocou enchentes, e eram baldes e baldes de água e uma luta de sobrevivência no mar. Aos sopros, criou ventos fortes, espalhava tudo e chegava a lançar uns longe dos outros. Num dia, cismou em incendiar tudo e espalhou combustível. E sorria, dizendo “Já foi pelo dilúvio, agora será pelo fogo.” Mas, achou que nem todos mereciam e ficou a observar os que rezavam e temiam o seu deus. Não queria ver comportamentos, pois, nem tinha intenção de perder tempo para entender aquele ir e vir desordenado. Seria

concedido o direito de viver aos que o respeitassem como Deus. E ficava a imaginar como seriam separados os escolhidos e de que forma os livraria do incêndio, do qual eles deveriam ver labaredas e sentir o calor para poder contar a história e aumentar o temor por Ele.

Às vezes, alguns o chamavam de meu rei e ele respondia no ato “Rei, não. Sou Deus!” E aí, era um dia que trazia muitas desgraças, tal a irritação pelo rebaixamento. Claro, um deus é muito mais do que um rei.

Quantos reis quiseram ser Deus? Ele mesmo já tinha criado muitos reis e a vários deu fim porque já se achavam deus.

Ficava uns dias sem aparecer, dormindo, cuidando de outras coisas, mas sempre pensando “Preciso ver meu povo.” E, naturalmente, o povo percebia e sentia sua falta. Estranhava, quando não via o seu deus por perto.

Um dia, ele cismou que ia acabar com tudo. Não ia restar nada. Avisou “Vou matar todos, não adianta chorar, rezar. Vai morrer todo mundo.” Nesse momento, passou um caminhão fazendo um barulho bonito e jogando uma fumaça preta no ar. Ele achou interessante. Ficou refletindo um tempão, tentando entender o funcionamento da máquina. Depois, olhou com desprezo o formigueiro e disse “Agora, não sou mais Deus, sou carro.” Ajeitou a caçamba nas costas, engrenou a primeira, segurou o volante e saiu. Desceu a ladeira buzinando, xingou um pedestre que estava no meio da rua e fez um sinal obscuro para o motorista de um gol que subia na contramão. E a molecada gritava “Acelera, jipe.” E ele pisava fundo, soltando um ruído forte do escapamento.

A grande virada

Helenilda olhou-se no espelho e achou que não era tão feia assim. Pensou nas amigas, umas até um pouco estranhas, que tinham um homem do lado e ela ainda sozinha. “Elas vão ver só.”

Pegou caneta e papel e escreveu para a coluna Correio Sentimental de uma revista feminina: “Quero corresponder-me com moreno, alto, bonito, educado, alegre, com situação financeira estável, passado imaculado, que saiba fazer bom uso das palavras, que goste de passear, dançar e seja respeitador. Para amizade, ou algo mais.”

A partir do dia seguinte à publicação, o carteiro era esperado no portão e Helenilda chegou a imaginar que, por malvadeza, não lhe eram entregues as cartas. Fazia o coitado revirar o malote e mostrar uma por uma para aceitar que não tinha correspondência para ela.

Escreveu, novamente, diminuindo os predicados do pretendente, e foi diminuindo cada vez mais, até que, por fim, escreveu: “...com pessoa do sexo masculino, simpática, que não tenha muitos defeitos.” Ainda refletiu se o simpático não era exigir muito, mas tirar seria rebaixar-se demais. Deixou o mesmo pseudônimo – Coração Despido – e, ainda, suspeitando do carteiro, além do endereço, continuou colocando o telefone.

Quando ligaram para falar com Coração Despido, Helenilda tremeu da cabeça aos pés e mal conseguiu balbuciar “Sou eu.” Refeita do susto, perguntou a data da revista. Girlei respondeu, alegremente, que era a última

e a coitada viu transformando, em sua mente, o moreno alto... em um troncho cabisbaixo. Ainda bem que deixou o simpático, pensou.

Girlei não era nenhuma beleza, algumas amigas achavam o sujeito esquisito e a aconselharam a dar um fora. Helenilda percebeu que, embora feio, o fulano era simpático, sim, tinha um bom coração e era liberal. Pensou “Se não aparecer outro, seguro esse.”

As amigas, que já vinham sentindo inveja, perceberam que ela tinha acertado em cheio, quando do episódio do *topless*, Helenilda apareceu, num canal de televisão, mostrando os peitos na praia e o Girlei sendo entrevistado. Quando levaram presa uma moça, na praia, por causa do *topless*, Girlei, que se encontrava um pouco adiante, resolveu criar encrenca, autorizando Helenilda a tirar a parte superior do biquíni, deixando à mostra os seios. “Feios ou bonitos, caídos ou empinados, senhor governador, quem manda nos peitos da minha mulher sou eu. Se eu deixo que ela mostre, quem é o senhor para proibir?” Empinou o peito, na entrevista, e bradou que quem ousasse impedir a liberdade da mulher teria de passar por cima dele. E se dizia solidário ao casal que



passara pelo vexame da prisão.

Quando, pelo barulho, resolveram liberar parte da praia para os ambientalistas, Helenilda se empolgou e pediu ordem para praticar o nudismo. Girlei, com toda sua liberalidade, achou que era exagero e prematuro. Em todo caso, para não ser contrário de todo, liberou o uso do fio dental e combinaram que se eles ameaçassem, aí sim, fariam nudismo os dois só para provocar.

Avanço ao próximo milênio

Juca fez o curso de caligrafia. Precisam ver com que rapidez faz uma letra que parece desenhada. E, para preparar-se melhor, tirou o diploma de datilografia e saiu apto a encarar qualquer concurso que exija não sei quantos toques por minuto. Apresentou-se ao anúncio do cartório e depois ao de um escritório. Foi questionado sobre Word, Excel, Internet e estranhou, achando que eram coisas do outro mundo. Leu uma notícia de que foram demitidos trezentos professores do Senac, no Rio, de cursos ultrapassados e sem demanda. E só aí é que se conscientizou de que estava perdido.

Olhamos em volta e observamos que, como o Juca, muitos não acompanharam a evolução por demais acelerada. A novidade de ontem, hoje já era. Não mais existe a distância entre um invento e outro e a necessidade de conhecer, antes limitada a alguns, agora é geral. O avanço tecnológico não questiona se está surgindo para facilitar vidas. Mas nós, como homens, devemos ter em mente que as pessoas estão ficando alienadas dentro de um processo de evolução e temos de nos preocupar. Quando inventamos uma máquina de moer café, àquele que trabalhava no pilão devemos dar oportunidade de se adaptar a uma nova profissão.

Os que ganham com a tecnologia devem destinar parte dos seus lucros para os que são prejudicados pelo avanço a fim de que possam ter condições de sobreviver. E o ideal mesmo é que venha isoladamente e não pelo idealizado imposto da pobreza, no qual, com certeza, parte da arrecadação se evaporará. No Brasil, embora

acanhadamente, algumas empresas já se dedicam a ações sociais, suprindo a deficiência do Estado. Esperamos que a ideia se espalhe para que criemos uma sociedade mais justa.

É preciso que aquele que esteja em condições mais favoráveis, reflita. Tanto o que já veio com sua riqueza de berço, quanto o que foi preparado, ou por sorte ela lhe surgiu. Pensar, e por que não? Por que eu sou “eu” e não aquele pobre mendigo? Que não somos eternos e que pode ser que haja reencarnação e o julgamento.

Se olharmos, com vontade, veremos pessoas que se dedicam e doam seu tempo, com recursos parcos, a amenizar o sofrimento dos outros. E é interessante como se gasta, numa noite, não sei quanto e, depois se mendiga, e criam-se empecilhos para ajudar uma instituição qualquer. E existem muitas sérias e de bons propósitos.

Dar uma esmola e continuar o caminho não leva ao céu nem resolve a situação. Em qualquer esfera social, em que nos encontremos, a obrigação é de todos e o indivíduo tem o dever de pensar na comunidade e resolver os problemas, que também são seus. Criticar os governantes é por demais simples e é esquivar-se de participar.

Tomara Deus que, nos próximos anos, a gente leve isso a sério e que os recursos aplicados em segurança sejam destinados à educação, cultura e formação de uma geração feliz. Que consigamos evoluir a ponto de não existir ninguém com fome ou frio. E que o título da minha crônica, no final do próximo milênio, esteja eu onde estiver, seja “Conseguimos!”.

Por dentro de tudo

Não é fácil conseguir reter as informações, que são cada vez mais numerosas. Estamos numa era de velocidade em que o novo se transforma em velho da noite para o dia.

Ainda, ontem, discutíamos sobre o perfil dos candidatos, sobre o segundo turno. Agora, sobre escuta telefônica, contas em paraísos fiscais do Caribe, queda de bolsas e quebra de bancos, quem são os envolvidos nas falcatruas, a nova loira do Tchan, se o Leonardo vai continuar a carreira sem o Leandro. A dança é a da garrafa ou a da vassoura? O astronauta e senador John Glenn voltou ao espaço? O Marcelinho vai engolir o Luxemburgo? Romário é o pai? Ronaldinho, o que houve? E o corte no orçamento (da União, porque do nosso não tem mais o que cortar) e, da saúde, vão tirar verba também? Pobre do pobre doente! Talvez, tenha aumento de impostos. Como resolver a crise sem aumentá-los? E o processo contra o programa do Ratinho? E o que acontecerá com o *rottweiler* e o *pitbull* que mataram a doméstica? Será que a culpa não foi dela que correu? Tem gente distribuindo dinheiro, onde? Não se dê por surpreso se, ao abrir a porta da sua casa, encontrar um pacote de grana. Existe uma ameaça de não se pagar o décimo terceiro. Tudo por conta da crise, na qual já somos *expert*.

O curso de Inglês, a aula da academia, a aula de Informática, o novo *software*, nova versão do “Windows”, navegar em tudo pela Internet.

Com quem, meu Deus? Edir Macedo, padre Marcelo Rossi ou Paulo Coelho?

Embora se queira aumentar a capacidade de memória do cérebro, há um limite. E, além do mais, não há disponibilidade de tempo para que se leia e se assista a tudo quanto é informação. Portanto, fique tranquilo e sem consciência pesada, relaxe. Ninguém consegue saber de tudo.

Se você se conscientizou de que a aflição pela armazenagem de todas as informações é inútil e de que muitas das informações não têm benefício algum, talvez, seja a hora de refletir sobre algumas mudanças no comportamento.

Se concordar, aproveite que já não lhe pesa a consciência por “desperdiçar” seu tempo, dê uma chegada ao quarto da sua filha e pergunte pelo nome das bonecas dela. Se você estiver despojado, mesmo, da obrigatoriedade, sente-se no tapete (sem o relógio no pulso) e pergunte qual das suas pequenas bonecas mais apronta. E, se dispuser de mais tempo, ainda, olhe bem nos seus olhos e, acariciando suas mãos, pergunte-lhe por qual daquelas ela tem um carinho bem especial, como o que você tem para com ela.

Trabalho de graça

Muitos profissionais estão sujeitos ao trabalho gratuito para um amigo.

Na advocacia, não raras vezes, um amigo, numa visita de passagem para tomar um café, acaba chegando num assunto de uma contenda qualquer e que diz como grande entendedor “Com uma petiçãozinha se resolve o problema.” Mas, como leigo é leigo, o caso geralmente se estende por várias audiências e recursos, que faz sofrer o desgaste do favorzinho. E claro, sabem muito bem os advogados que, caso acumule mais de uma audiência, ai dele se passar um colega para o representar. É um descaso com a amizade. Mas aprendi. Quando aparece um amigo com um caso qualquer, indico um colega que declaro ser especialista no assunto. E eles que se entendam no preço. De qualquer forma, qualquer dia estarei atendendo, também, um cliente que é amigo do colega. Mas, mesmo assim, num dia meio agastado, escrevi na porta: Amigo, eu também visto, calço e tenho uma mulher gastadeira como a tua.

Os médicos escapam um pouco, com as secretárias sempre alertadas para que não deixem “amigos” entrar sem fazer a ficha e saber o preço da consulta. Claro que um ou outro mais ousado usará o argumento de “Pode falar com ele que é fulano que ele não vai cobrar.” Mas é exceção. Quase sempre o “cliente” se livra do vexame, fazendo o cheque (mas ainda com a esperança de que o doutor, ao ver que é dele, impeça o depósito).

Todavia, o médico não está imune a dar consultas sobre uma dorzinha no baço, no estômago, no rim, que pode ter a receita anotada num papel de cigarro ou

num guardanapo, ali mesmo na festa, num barzinho ou reunião de amigos.

Qual o contador que não é solicitado a fazer um cálculo de verbas rescisórias, a fazer um procedimento numa repartição, ou registrar e preencher encargos da doméstica? Com que coragem e de que jeito para cobrar o preenchimento do Imposto de Renda de um amigo? Claro que para um ou outro, com o recibo de entrega, dá-se o preço dos serviços. Mas, primeiro: precisa ver se recebe (geralmente se esquecem); segundo: é assunto de comentários da barbaridade de cobrar por uma coisinha à toa de um amigo. Pode crer que é olhado com desconfiança da amizade. E, ainda, se houver cotas a pagar, com certeza, haverá insinuações de que não fez nada para baixar o imposto e, sem dúvida, a mulher do amigo espinhará “Se era para pagar, que fizesse no doutor Pires. O Janjão fez lá e vai ter restituição. Você arruma cada amigo, hem!”

Um consertinho de nada num portão, um vazamentozinho de um sifão, um ajustezinho na gaveta do armário, impressão de uns convitezinhos para o aniversário do filho... Artistas também sofrem: tocar e cantar em festinhas. Coisinha boba, só para divertir uns amigos. Nas festonas, eles contratam outro, pagando, claro (mas avisam que, no intervalo, o cantor tem direito de beber e provar do bolo). Uma pintura, um desenho ou um quadrinho de nada com moldura simples (mas nem tanto). Umhas fotos e uma filmagem. E avisam “Pode deixar que eu dou o CD.” Uma crônica ou poesia para o debutar da filha (com direito à leitura e aparecer no álbum). Quem publica livro sabe que os amigos sempre querem ganhar a obra.

Eu mesmo, às vezes, faço uso do expediente: um amigo para fotos, uma para capa de livro, outros para revisão, até o Rucke para ilustrações de um livro. Mas entre artistas a troca de favores e o serviço na “faixa” não é nenhuma anomalia e é perdoado por Deus.

Amor não tem idade

O almoço do Ubaldo, no último fim de semana, foi-lhe indigesto. Reunião de família para churrasco sempre tem *nhém-nhém-nhém* e, quando se marca um, já se sabe que haverá conversinhas, que são suportáveis pelo bem do convívio.

A conversa girava em torno do resultado final da novela “Torre de Babel”. Enquanto se comentava sobre que o certo seria isto ou aquilo e quem deveria acabar com quem e como, tudo bem. Agora, quando a conversa desandou para relacionamentos entre mulheres mais velhas do que o homem, por conta do namoro de Alexandre e Lúcia, a situação teve momentos de espinhamentos e creio que, naquela noite, os casais presentes dormiram de costas um para o outro.

Enquanto um disse que achava esquisito que se deixasse uma mais nova por outra mais madura, mesmo com toda a loucura da Sandrinha, a mulher do Ubaldo rebateu, dizendo que o Sílvio de Abreu, autor da novela, trouxe à baila uma coisa que vem acontecendo e que eles não estavam percebendo: Renata Sorrah, 49 e André Gonçalves, 22; Eliane Giardini, 46 e Ernani Junior, 28; Betty Faria, 57 e Franklin Thompsom, 24; Vera Fischer, 48 e o Floriano. E, por último, em Jacareí, noticiado para o Brasil inteiro, Benedita com 70, casou-se com Claudio de 31 anos.

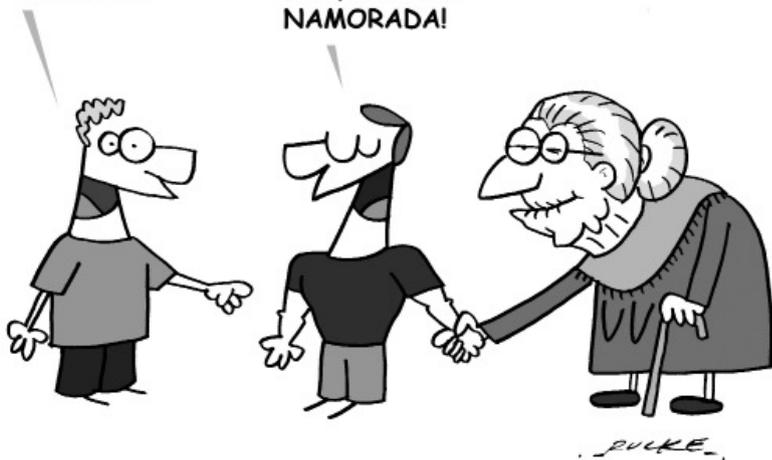
Quando ouviu um “Aí já é demais”, dona Gericilda, mãe do Ubaldo, contestou, veementemente, a investida do fulano, enquanto Glorinha, que sempre foi de cutucar a sogra, em consequência da bebida, insinuou

que dona Gericilda falava com conhecimento de causa por conta de boatos de umas “voadas” da sogra, noutros tempos.

Noquinha subiu num tamborete e, cambaleando, fez o seu discurso: “Ao homem tudo é permitido. Quando se desmancha um relacionamento, percebe-se que o homem vai em busca de uma mulher mais jovem, e a mulher? Embora propagada, não é aceita a sua emancipação e refazer-se leva tempo. Envolve-se nos problemas familiares e os próprios filhos, às vezes, cobram-lhe postura de uma viúva do tempo dos vinténs. A mulher deve continuar se cuidando e se olhando de fora para dentro. Rancores devem ser extirpados e alguns vícios eliminados. Tu, Joquinha (e ele sorriu com um sorriso maroto e amarelo), te cuida, porque se tu se for, eu vou à luta. Tu sabes quantos defeitos tens e que eu deixo passar. Outra, não sei não. Além do mais, por me cuidar é que, vez ou outra, levo umas cantadas, que faço de conta que não vejo. Mas, se tu brincar comigo, passo

É SUA AVÓ?

NÃO, MINHA
NAMORADA!



a dar ouvidos, porque ninguém sabe o dia de amanhã.”

Joquinha, vendo que a conversa descambava para problemas pessoais, aproveitou os aplausos e arrancou a mulher do palanque.

A coisa foi longe e acabou como sempre acabam esses encontros familiares. Ameaças de safanões e uns “Deixa pra lá.”

A gente, por outro lado, fica matutando que aquela velha máxima: “O amor não tem idade” é para as duas partes e espera que um dia seja pra valer.

Pardo, quase branco

Hoje, vou iniciar meu trabalho falando sobre a falta de assunto. Não que eu esteja assim tão sem, mas é que já me foi perguntado e todo cronista que se preza (e foram muitos bons cronistas que li abordando o tema) deve passar, nem que seja, rapidamente, pelo problema, o que me deixa constrangido de nunca ter demonstrado ao leitor o sofrimento de não ter sobre o que falar. Aí, às vezes, pergunto-me “Será que sou mesmo cronista? Ou tenho medo de atrair o nada? (três vezes na madeira, meu Deus).” Então, fica registrado que tenho medo, mas um medo assim bem de longe, que não chega a assustar.

Mas, já que a coisa se embrenhou por encarar o leitor com a verdade e, ponderando que já se passam mais de dois anos que nos encontramos, sempre neste mesmo espaço, o que considero tempo mais do que suficiente para nos conhecermos, e ter até uma amizadezinha para relatar confidências (desde que fique só entre nós), é que me abro sobre meus temores. Embora hoje seja sábado, dia mais tranquilo, e que ainda possa ser que este jornal, no domingo, dia mais propenso ao relaxamento, esteja sobre um sofá, minha crônica será lida por quantos?

Quem, depois de ter sido informado por outras colunas deste jornal sobre aviões que caíram, roubos a artistas e gente do povo, prédios que desabaram, pesquisas do ibope sobre eleições, estupros e mortes de gente famosa, novas ideias do prefeito ou dos vereadores, a santa que chorou, se atentará a esta coluna que mistura ficção com realidade e, na qual, quase nunca se consegue discernir o que é real ou imaginário e pouco proveito traz?

Afinal, fez-se a assinatura ou comprou-se o jornal para se obter informações (e aí eu invejo colegas que saíram a campo na investigação jornalística para informar o leitor sobre casos concretos) e não para se emaranhar por caminhos literários (que o editor não leia isto!). Mas, de qualquer forma, um ou outro, para descansar da leitura, pousa sua vista numa destas crônicas “descompromissadas”, e aí espero que seja despertado seu interesse em ver no que vai dar e vá até o epílogo. E, mais esperançoso ainda, que agrade e retorne, na semana seguinte e na seguinte, ameaçando até de mudar de jornal se o cronista se mudar (que o editor leia isto!). Um ator, um cantor e um músico têm resposta imediata do seu público. O cronista fica a se perguntar: Como medir? Quantos são os que leem a minha crônica? A quantos ela agrada? Não o agrado da bajulação, mas o do estilo, da ideia e o do fazer o tudo do nada. Não, não é brincadeira. A gente sempre se encontra falando sobre coisas diversas com humor e sátira, mas hoje é coisa séria. Não acredita, não é? É o que acontece quando se está sempre com histórias, pensam que é mais uma. Mas, pode acreditar que, hoje, agora mesmo, enquanto você está lendo, eu estou matutando em quantos deixarão seus afazeres, de atender a um chamado de um filho, da mulher ou do marido, de assistir a um programa de televisão, passear, sem a preocupação de guardar qualquer informação que estiver nesta coluna. Está certo que, vez ou outra (e quem acompanha sabe), trato de coisa séria (como hoje), mas isso é anomalia e esquisitice de escritor, que logo passa e volta rapidinho ao seu estilo normal. Mas, pelo amor de Deus, amigo leitor, já que a gente se abriu um com o outro, olhe bem nos meus olhos e prometa que nunca deixará que esta coluna sirva de tapete de carro e seja pisoteada antes de ser lida por toda a família.

Jantar dançante

Festa é sempre uma alegria. É gostoso estar num baile curtindo uma música e assistir a dançarinos que embelezam o salão com passos cadenciados e ritmados, ao som de um instrumento. Claro que um ou outro não sabe o que é dança, mas é exceção.

Num jantar dançante, num baile de formatura, não se pode exigir que os convidados sejam pés de valsa e deem show. Mas, mesmo assim, surgem alguns que fazem a festa ficar alegre.

Pois foi, num desses jantares, que eu, no meu canto, tomando uma gelada, dava uma espiada em volta e, na pista, como quem não quer nada, mas ligado nos papos e nas ações.

Tinha um sujeito, ao que parece conhecedor do assunto e ciente de que as damas presentes não estavam ao seu nível, esnobava a todas. Chegava perto da mesa, chamava com um sinal de dedo e nem aí com ela, ia na frente, todo altivo, e a mulher que o seguisse se quisesse ter a felicidade de dançar com ele. Era metido, mas tenho que ser justo, sabia dançar.

Um vizinho de mesa, vendo o tal fazer aquelas coisas, com facilidade, entusiasmou-se e, pensando que fosse fácil mesmo, ensaiou umas saídas e viradas com a mulher e passou maus bocados com passos interrompidos e estranhos, encerrando a brincadeira com uma queda da parceira.

Uma senhora insistia com o marido para que fossem dançar e ele balançava a cabeça negando. Quando chegou a seleção romântica, que começou com o Roberto,

ela não se segurou e arrastou o parceiro para a pista. Dançaram aquele quase parado, meio de pista, sabe como é? Mas foram até o fim.

Uma outra (desde o começo percebi que ela não estava bem) cantarolava com o conjunto e, quando chegou numa canção triste, rolaram-lhe lágrimas até chegar aos soluços. O marido, envergonhado, a custo e até à força, conseguiu levá-la para o jardim. Lá, ficaram horas e horas. Embora desse uma olhada e tentasse ouvir, não sei do que falaram, nem como ficou.

Um sujeito esquisito tomava quase todo o salão, num vai pra lá, pra cá, que fazia a dama penar para acompanhar o seu estilo. Não foram poucas as vezes em que desavisados levaram pisadas, chutes e empurrões.

Lá pelas tantas, o Jorjão quis brigar e deu trabalho. Toda vez que passava dançando com a sua mulher perto da minha mesa, um baixinho piscava para ela. Numa dessas, ele partiu para cima do sujeito. Foi duro separar e convencer que a piscada do baixinho era cacoete. Eu mesmo já tinha reparado. Tanto que o tal baixinho estava me olhando com uma cara invocada.

Minha mulher, também, insistia para que fôssemos dançar. Eu disfarçava, num daqui a pouco, alegando estar buscando assunto para a crônica de hoje, mesmo porque a cerveja não tinha sido suficiente para me encorajar e tinha mais gente ligada nas coisas. Confesso que, lá pelas tantas, dei uma dançadinha. Mas, a essa altura ninguém via mais nada. E que me lembre, até dancei bem.

Bem ou mal, o que importa é a festa. Não se acanhe.

Cada filho tem a mãe que merece

Mãe tem de todos os tipos, jeitos e manias. Igual à minha, à sua, à do vizinho, à do amigo, à da namorada. Aquela que chega da feira e lhe traz, na cama, o pastel de queijo que você tanto gostava quando menino, e que hoje enjoa só de sentir o cheiro. Mas, ela vem com tanta festa, que você não tem coragem de recusar. Mais chato, ainda, quando você está numa baita ressaca por ter saído, à noite com os amigos, e ela lhe acorda “Olha o pastelzinho do menininho da mamãe.” Dá até ânsia.

Tem aquela que, quando sabe que o namorado da filha vem para almoçar, arruma-se mais do que ela, usa aquela roupa especial e percebe-se, no seu jeito, um olhar de sedução. Muitas já perderam o namorado e outras evitam apresentá-los à mãe. Mas, isso já é aberração da natureza e acontece muito raramente.

Têm as que, quando a filha sai para namorar, obrigam-na a levar o irmãozinho (que sempre é enrolado para não ver nada e, quando vê, é subornado). Essas, naturalmente, já estão ultrapassadas, mas têm algumas que resistem à modernidade.

Tem a que quer conhecer todos os amigos do filho e saber quem são os pais, se a família tem tradição. Namorada, então, é vigiada, constantemente, e a qualquer desvio ou comportamento inadequado, um batom mais vermelho, uma saia mais curta ou pequena mostra dos seios, ela cai de pau em cima e difama a moça, aconselhando o filho a acabar com o romance.

Tem a que quer os filhos sempre unidos e faz questão de tê-los juntos todos os domingos para o almoço

em sua casa. E você tem de fingir que adora aquela macarronada sempre igual, que já era feita pela sua avó. Segurar a mulher para não reclamar e não ter nenhuma encrenca entre as cunhadas e, ainda, aguentar aquela mais exibida que se apresenta todo santo domingo cheia de badulaques para fazer inveja as outras.

Tem a que não quer que você saia à noite, espera que seja caseiro e não acredita que você cresceu. Pede satisfação de tudo e, ainda, dá as ordens.

Tem a que reza por você, sempre, e pede a Deus que tudo de ruim passe longe e, se não tiver jeito, que seja desviado para ela.

Tem a que pega na extensão para ouvir as confidências, que lê o diário às escondidas, que revira os cadernos para verificar as lições ou até um bilhetinho para a colega.

Aquela que, quando você diz que vai num lugar, às vezes, aparece de surpresa para conferir.

E as que dão a maior força e se tornam cúmplices em suas traquinagens, enfrentando até o pai feroz.

De qualquer forma, geralmente, todas elas amam demais os filhos e passam a se amar menos, depois que os têm. Conduzir o comportamento da mãe depende deles. E cada filho tem a mãe que merece. E não se esqueçam daquele domingo de maio que é o dia delas. Portanto, nesse dia, demonstrem interesse em ouvir o desenrolar do capítulo da novela que ela lhe conta e deixe, pelo menos um dia, de se ligar no rock, dê o direito de ela colocar, na vitrola, aqueles antigos discos do Roberto. Ela vai adorar.

Um dia para ler manuais

As coisas vão acontecendo lentamente. Primeiro, a televisão da sala. Depois, outra para o quarto do filho. Modelo diferente, claro. Mais moderna, com controle remoto, cores mais nítidas. O vídeo modelo G-XX, depois um outro com mais recursos para acoplar à televisão do guri. Uma máquina de lavar, tanquinho, secadora, micro-ondas (igual ao da vizinha, para não ficar por baixo), *freezer*, telefone sem fio, celular, parabólica, aparelho de som a laser.

De alguns, principalmente os importados, via Paraguai, e os adquiridos, no mercado interno, o vendedor deu umas explicações básicas que foram suficientes para o uso imediato e fez até umas anotações de seqüências numa folha de papel, entregando o manual em Inglês. A mulher, toda importante, falou para o muambeiro que não tinha problema, porque o filho estava no quinto estágio, no CCAA, e faria a tradução com facilidade.

De outros, veio a assistência técnica, instalou, também deu umas instruções rápidas de uso. Na hora, tudo muito fácil. Depois, parece aquela coisa de mágica feita na Rua Direita. Só funciona com o cara, mas tem o manual...

Em boa parte dos produtos, ninguém ensina nada e o comprador tem que se virar com o manual. Você começa a ler. Aperta aqui, ali. Pelo menos a coisa já começa a funcionar. Não com a capacidade total. Naturalmente que, como eu, você deve achar que muitos recursos são desnecessários e deixa para um outro dia o término da leitura. Por enquanto, a mulher vai se

virando com o que você já sabe. Em geral, é o marido quem se encarrega de ler os manuais e vai passando o funcionamento para a mulher. A minha sempre cobra. O micro da Joanita é igual ao nosso, doura que é uma beleza e até agora você não me ensinou como fazer. A programação...

Mas, tem um domingo, muito tempo depois e raro, em que você se levanta sem preguiça. Não tem jogo nem *cooper* no parque porque chove. Resolve ler todos os manuais e colocar as informações tecnológicas em dia. Empilha todos, por cima os prioritários (a mulher é quem escolhe a ordem), apanha os dicionários de português e inglês, português, de termos técnicos de engenharia, um copo de uísque para clarear as ideias e dá início à maratona. Lê, relê, volta página, faz de novo. Levanta, enche mais uma vez o copo. Liga para o primo que tem um igual. Percebe que o inglês do filho, naquele momento, não ajuda muito e que ele se enrola em frases incompletas e desconexas que dão em nada. E a mulher grita da cozinha:

- Tem o radiorrelógio também!

No final do dia, alguns aparelhos você já sabe utilizar perfeitamente. Quer dar por encerrado, deixando uma parte para outro dia, mas o filho insiste que seja lido o manual do *game*, que ele manuseia com perfeição sem nunca ter lido.

No dia seguinte, recebe uma ligação no escritório. É a mulher querendo saber como faz para gravar, no vídeo, um capítulo da novela. Tenta lembrar, mas não adianta.

Para não levar mais bronca, carrega numa pasta os manuais para consultas de emergência.

Olimpíada de Matemática

Deuclides estava na mesma turma há muito tempo e passava de ano sempre arrastado. Era sempre na recuperação em muitas matérias e, no final do ano, era um tormento para conseguir aprovação. Tinha que estudar com a ajuda da mãe ou fazer aulas particulares com uma professora vizinha e mesmo assim, ia para o outro ano na aprovação do conselho de classe.

Ele era sempre alvo de gozação dos colegas de escola, principalmente pelo fato, de todo ano, ficar em recuperação de matemática. Ano sim, ano não, ficava em ciências, história, geografia, inglês, mas matemática estava sempre entre elas. No intervalo das aulas um perguntava “quanto é três mais dois, Deuclides?” e o outro falava “não faz pergunta difícil pro coitado” e todos riam a valer.

Bem sabemos como são colegas quando pegam no pé e o nosso Deuclides, era alvo de chacota quase todos os dias. Não perdoavam, mesmo.

Bem-comportado ele sempre foi, não há como negar. Não conversava, respeitava os professores que, em sua maioria, evitava questioná-lo na classe, pois sabia que ele não conseguiria dar a resposta correta para uma pergunta e seria alvo de deboche dos colegas ao gaguejar até ficar mudo. O menino sentava na cadeira e o seu olhar era fixo, ora no professor, ora na lousa, mas como dizia o Marquinho, seu vizinho de carteira “parece que o Deuclides está fora do ar”.

A gota d’água do desespero foi quando, em uma Olimpíada de Matemática no colégio, um dos colegas, de gozação e para humilhar, inscreveu o Deuclides,

sem ele saber. Ele só tomou ciência de que seria um dos participantes quando saiu a lista dos inscritos no concurso.

A partir daí o pobre não teve mais sossego. Era um tal de “E aí, Deuclides, vai ganhar a olimpíada?”, “Tamos perdido com Deuclides na disputa”.

O Deuclides tentou excluir o seu nome da lista, mas não teve jeito. “Que importância tinha”, disse o coordenador da olimpíada. Era só ele não comparecer no dia e tudo bem. Assim, o Deuclides foi alvo constante das chacotas, mas como ele pensou, “não sei se será melhor sair mesmo, ou permanecer na lista. A zombaria vai continuar de qualquer jeito”.

Enfim, chegou o dia da tal olimpíada e, para surpresa dos colegas e do próprio coordenador, o Deuclides compareceu e não arredou pé, participando de todas as etapas. Perguntaram na brincadeira “E aí, Deuclides, voltará à tarde para a outra etapa?” e ele, já conformado com as gozações, respondia “perdido, por perdido, vou até o fim”.

Na semana seguinte, saiu o resultado e, para assombro geral, lá estava no topo da lista, como vencedor da Olimpíada de Matemática o aluno Deuclides de Jesus. Ninguém acreditava, nem alunos, nem professores. Pediram revisão, o maior auê, mas não teve jeito, o nosso amigo, claro, agora era chamado por todos como “nosso amigo”, recebeu com grande festa e merecidamente a sua medalha.

Quando chamado no palco pelo diretor da escola para receber o seu prêmio e o troféu, foi convidado a proferir algumas palavras. Microfone na mão e voz firme, encarando os colegas sentados na plateia, falou:

“Agradeço aos colegas que me inscreveram nessa gloriosa Olimpíada de Matemática. Não pela premiação, nem pela medalha, mas por me fazer compreender que nada é difícil quando se tem força de vontade. Aprendi

que, no que não somos os melhores é no que mais devemos nos esforçar. Mais do que provar para vocês que eu poderia, eu quis provar a mim mesmo que era possível e só dependia de mim. Tive que vencer a mim mesmo para estudar com afinco e às escondidas. Que sirva de exemplo a todos que pensam que não conseguem e têm dificuldade em alguma matéria. Todos podem, sim. Pensem: Se até o Deuclides conseguiu, como eu não consigo!”, concluiu sorrindo, com uma gargalhada geral na plateia e o público aplaudiu de pé.

Encobrimento do Brasil

...e o Rei ordenou:

- Tu ficarás por aí e, quando completar quinhentos anos, me mandarás um relato completo para vermos se valeu a pena descobrir essas terras.

Foi assim que o Joaquim, por obediência, segurou a vida até que pudesse enviar suas considerações sobre o novo território. Tradicionalista, não quis saber de telefone, telegrama ou *e-mail*. Vai a missiva em letras desenhadas e num navio que, segundo os seus cálculos, chegará a Portugal no dia em que estaremos comemorando nossos cinco séculos de vida. Perguntei:

- Ô, Quincas, mas o que dizes ao Rei?

Preocupado, claro, com a nossa reputação, também com decisões que poderiam ser tomadas, com base nas informações, e receoso da fraqueza intelectual do meu amigo.

- Relatei a verdade nua e crua do que é o país, sem subterfúgios.

Confesso que aí, realmente, assustei-me e questionei, como quem não dá muita importância:

- Relataste o quê, Quincas?

- Bom, vou te confidenciar o que leva a tal missiva: falei que diferente de quando aqui chegamos, agora se vestem; somente vez ou outra, como foi na festa de fevereiro, em que as mulheres ficaram nuas. Mas, sem nenhuma maldade, como sempre foi. Que, com aquelas cobranças altíssimas de impostos, enviando ouro e mais ouro, vocês aprenderam e administram suas contas que é uma beleza. Cobram um valor justo nos tributos

e aplicam com sabedoria. Que andaram numa fase tumultuada, mas faz um tempinho que não tem aumento no preço das mercadorias, nem de tarifas públicas. Que o povo é feliz e ganha um salário que dá e sobra. Todo habitante tem onde morar. Aliás, há quinhentos anos informamos que o território era grande, portanto, por muitos séculos não terão problemas de moradia. Que dão importância para a educação, todo mundo tem escola de primeira e os professores são bem remunerados. Que evoluíram na saúde. Substituíram os chás dos pajés por medicamentos de laboratório e têm uma saúde de ferro. Defendem, com unhas e dentes, seus rios e suas matas. Ai de quem vier aqui modificar a natureza! Que os governantes são sérios e gerenciam os bens públicos como se realmente não fossem seus. Verdade que teve uma exceção, mas uma só. De um que deu uma vacilada, mas, como Deus parece que é brasileiro mesmo, fez com que o fulano se engraçasse com uma loira e sua mulher, quando descobriu, encostou-o na parede. Serviu o alerta: ele passou a viver com o seu salariozinho e virou as costas para a loira. As coisas aqui são maravilhosas e não há que se mexer em nada.

E, foi assim, que fiquei sabendo o que mandou o meu amigo dizer ao rei sobre nós. Fiquei tranquilo, porém, a me indagar se seria consequência da senilidade ou assimilação do nosso jeitinho esse Encobrimento do Brasil.

Os dois amigos

O Zé e o Tião eram amigos de infância. O Tião virou Dr. Sebastião e o Zé continua Zé. Mas, era coisa previsível. Desde criança, o Tião estudava, enquanto o Zé não queria saber de nada. Com o passar do tempo, o Sebastião continuava estudando e trabalhando; o Zé só em zoeira, bagunça, peladas, serestas e bebedeiras. O Tião comprou seu primeiro carro “aero willys”, depois trocou por outro, e outro e hoje tem um quase zerinho; o Zé continua andando de vez em quando em bicicleta emprestada dos amigos. O Tião noivou e, no casamento, endividou-se para fazer uma festa de arromba. O Zé continua namorando e todas elas sabem que ele namora com todo mundo e nunca vai levar um caso a sério. O Tião anda com uns probleminhas com a sogra, mas acha que dá para desenrolar, principalmente depois que a mulher reclamou e ameaçou que, se ele não acabar com as besteiras, ela vai fazer o mesmo com a mãe dele. Sinceramente, o Zé nunca viveu isso e nunca teve sogra por muito tempo.

O Tião se preocupa com a bolsa, queda do dólar, preço dos imóveis, reclamações do caseiro, aumento da mensalidade da escola dos filhos, o acréscimo de despesa com o Inglês do Juquinha, com a escola de computação e o tratamento dos dentes da Leninha. E o Zé desconfia que tem alguns filhos por aí, mas nem liga e, só fica fulo, quando percebe que a sua “Schincariol” gelada subiu de preço. O doutor Sebastião mede seus atos e palavras e tem, quer queira quer não, mesmo inconscientemente, que dar uma puxadinha de saco no chefe e participar

de todas as festas e comemorações da empresa, mesmo não se sentindo bem com a companhia de certos colegas. Enquanto o Zé só vai às festas em que a pinga rola solta, se o forró é bom e tem mulher disponível, o doutor Sebastião torce pela estabilização da economia e para o aumento das vendas da companhia para garantia de seu emprego, sendo que o Zé não está nem aí com a vida, nem com o desemprego. Para ele, qualquer coisinha é coisa e como diz “Pra quem nasceu pelado, tanga é uma grande vestimenta.”

A cada ano, nas férias do doutor Sebastião, eles se cruzam na praia. O Tião sabe que o Zé sempre estará por lá, não é à toa que ele tem aquela cor queimadinha. Batem papos descontraídos e o Zé ainda o chama de Tião (até a mãe deixou de chamá-lo pelo apelido), ensina-o, outra vez, como comer siri, a simpatia para não se embriagar com caipirinha e, já alto, o leva à mesa ao lado para lhe apresentar umas amigas (por sinal lindas e charmosas). Tião até ameaça cantarolar junto um samba, batucado na caixa de fósforos, enquanto sua mulher, já alta, continua lá na mesa e o olha com rabo de olho, ele sabe que, como sempre, ela vai ficar uns dias de ovo virado. De novo, na volta para casa, vai pensando por que diabos quis levar a vida tão a sério e sente inveja e uma vontade imensa de ser o Zé. Nunca conseguiu dominar esse sentimento e, em todo final de férias, precisa voltar ao psicanalista para se convencer de que o anormal é o Zé.

Desconversa

Chegou em casa taciturno, tirou o paletó e avisou a mulher que, após a janta, haveria uma reunião familiar.

A vontade do filho era que fosse logo para evitar expectativas e apreensões, mesmo porque a vontade de jantar já se fora. Mas, quem ousava tocar no assunto, quando Ambrosiano estava naqueles dias?

Intimamente, todos passaram em revista suas últimas vaciladas e se perguntaram se não seriam o motivo daquela conversa que parecia ser séria.

Após o silencioso jantar, Ambrosiano abriu a reunião com um discurso sobre a crise do país e a necessidade de corte nos supérfluos, fixando-se numa blusa nova da mulher, que se avermelhou e encolheu as pernas para esconder um sapato do anúncio da TV.

Falou que, a partir daquele momento, estava instituído o controle das despesas e que ele faria anotações de tudo o que fosse gasto na casa, tostão por tostão. A mesada dos filhos seria reduzida dentro de uma realidade econômica e das necessidades de jovens da idade deles.

A mulher sentiu-se indignada com o tal controle, que mais parecia desconfiança do que economia. Mais do que ela fazia, era impossível. Tirar mais o quê?

Joãozinho duvidou de que ele soubesse quais as necessidades do jovem de hoje “Teu tempo era outro e as marcas são da nossa geração.”

Ambrosiano contra-argumentou que o preço que se pagava pela marca era ilusório e que se vestia bem

com preços menores. De qualquer forma, não estavam discutindo o que comprariam, mesmo porque as compras estavam suspensas. Joãozinho deu uma risadinha, não conseguindo ver-se com as tais roupas e bateu pé firme contra a redução da mesada.

Ambrosiano dispunha-se a não abaixar o valor da mesada, mas seria criado um desconto para ajuda na manutenção do lar. A crise existe e nós temos que nos adaptar aos novos tempos.

A mulher questionou-o no quê estava ele sendo afetado pela crise, vez que seu salário continuava igual e, ao que se sabia, os preços estavam estabilizados. “Agora, se tu parar com essa coisa de dar uma mãozinha para os teus parentes, será necessário esse tal arrocho?”, disse ela.

Joãozinho aproveitou a deixa da mãe para perguntar ao Ambrosiano se também estava nos planos dele cortar a cerveja e começar a ir trabalhar de ônibus.

Ambrosiano não respondeu nem a um, nem a outra, percebendo que a coisa ia continuar do mesmo jeito. De cara feia, dirigiu-se ao quarto torcendo para que, no dia seguinte, estivesse na lista de corte da empresa e, aí sim, eles iriam perceber que estavam mesmo em crise e, em pouco tempo, aprenderiam com quantos paus se faz uma canoa.

Quem diria, Queixada virou pastor - I

Mesmo o mais sortudo e protegido por santos já passou vez ou outra por situações difíceis. Nem que seja um aborrecimento simples, como a mulher que quer se separar, o filho que não quer nada com a escola, a sogra que cisma em passar uns dias com a filhinha, na sua casa, claro. Eu estava numa destas. Bateram na traseira do carro, o banco não renovou o empréstimo, a mulher andava meio arisca e reclamando das cervejas com os amigos. Sentava para assistir a um filme, acabava a luz. Uma tal goteira resolveu me perturbar. Bastava chover e, geralmente à noite, começava o toc, toc. Veio o pedreiro, trocou a telha, e nada. O emprego andava balançando, com o patrão só falando em crise e em abaixar o custo de pessoal.

Parecia que Deus e o mundo estavam contra mim. Já andava conversando sozinho e, quando alguém olhava, achava que queria me prejudicar. Ficava atento e evitava dar as costas, pois poderia ser aquele pessoal que queria a minha pele. Os amigos e a família falavam que era impressão minha, mas tenho certeza, era real. Queriam me levar ao psiquiatra. Chegaram até a falar em me internar. Foi, justamente nessa fase, que conheci o irmão Anastácio. Era o único que concordava que estavam me perseguindo. Tinha coisa ruim. E o único que poderia me livrar era Cristo, por meio de muita oração. Só que oração de gente preparada como o pastor Genaro, que visitaria sua igreja, nos próximos dias, para fazer duas noites de orações com os irmãos. Embora não se possa espalhar, nem fazer alarde, muita gente

já se curou durante os rituais. Insistiu e eu comecei a frequentar as reuniões, ouvir sermões, cantar e, um dia, até senti a adrenalina subir com a empolgação. Cheguei a contribuir com o dízimo e, impaciente, esperava a visita do ministro, irmão Genaro, para que me fizesse voltar à normalidade.

Finalmente, ontem aconteceu. A igreja foi ornamentada para receber o pastor. Bancos todos tomados e gente em pé. Ainda bem que fora avisado pelo irmão Anastácio e cheguei cedo para garantir os primeiros lugares. Hinos e hinos de louvor, quando chega o pastor. Abri os olhos, esfreguei, fiquei de pé e procurei chegar à frente com os olhos esbugalhados. Um irmão, ao lado, aproximou-se e falou-me:

- O homem é santo e é muita luz para você, pecador.

Saí empurrando os que se aglomeravam, dirigindo-me ao altar e gritando:

- Queixada, Queixada... - os irmãos me seguravam. O pastor dizia que o mau espírito estava se manifestando.

- Queixada, te devo uma garrafa de pinga da última aposta.

Meus gritos foram abafados pelas orações e cantos. Quando dei por mim, já era madrugada e estava deitado em um banco, sendo abanado pelo irmão Anastácio. Eu sentia dores por todo o corpo e dá para jurar que foi pancada. Um leve galo despontava na cabeça muito doída. Anastácio dizia que, com certeza, no dia seguinte, o pastor Genaro afastaria de vez todos os demônios.

Eu pensava “Como o Queixada, pingüço de primeira, que chegou a ganhar diversos torneios de quem bebe mais, inclusive eu devia, de um destes, uma garrafa de pinga para ele, tinha se transformado no pastor Genaro?”

Com certeza, na pregação de hoje eu vou descobrir!

QUEIXADA, SOU EU!
FIQUEI TE DEVENDO
UMA GARRAFA DE PINGAI!



AFASTA-TE,
INFIEL!



Quem diria, Queixada virou pastor - II

Contei que andava cheio de problemas e azares, que amigos e parentes estavam me achando “esquisito” e ameaçavam me internar para tratamento psiquiátrico. Que conheci o irmão Anastácio, o qual me levou para a igreja onde, por meio de orações, eu receberia a cura. O pastor Genaro, que já tinha feito verdadeiros milagres, visitaria a igreja e faria pregação em dois dias, momento aguardado ansiosamente. Na entrada do pastor, reconheci o companheiro de noitadas, Queixada. Tentei me aproximar gritando seu nome, sendo impedido pelos irmãos e creio que fui agredido, pois desmaiei e, quando voltei, o irmão Anastácio me abanava, pedindo calma e assegurando que, na próxima sessão, o pastor afastaria todos os maus espíritos que habitavam em mim.

À noite, a igreja mais cheia ainda, com a notícia de que o pastor dominara um demônio que martirizava um pecador (no caso, eu). Novamente cantos, hinos, entra o pastor e todos cantam mais forte. Examino bem, e não tenho a menor dúvida: é o Queixada. Procuo me dominar e estremeço, quando ele fala na força da fé e olha fixamente para mim. Muitos irmãos de outras cidades dão o seu testemunho em depoimentos de cura, pela oração e fé do grande pastor. Em um dos depoentes, que fala da cura da sua cegueira, reconheço o Pé Grande. Quanta pinga tomamos juntos eu, ele, Queixada, Zarioio, Ganso, Cambito e, agora ele ali, mudando toda aquela ideia de que santo de casa não faz milagres. Fora curado de uma cegueira pelo pastor Genaro que, para mim, ainda é o Queixada. Entre hinos e choros, corro para o altar,

gritando o nome de Pé Grande e Queixada. Sou agarrado e levado até o pastor que me segura firmemente, pedindo aos outros que se afastem. Os auxiliares instigam o canto mais forte e eu aguardo que se opere o milagre. Queixada puxa-me para junto de si e fala-me ao ouvido:

- Procure o Zaroio. Ele te explica tudo irmão.

Volto lentamente para o meu lugar, com a mente embaralhada e começo a me perguntar, como pode toda turma da pesada ter se convertido, enquanto um assistente, em frenesi, anuncia ter o pastor Genaro, mais uma vez, afastado o demônio de um pecador e a igreja toda em êxtase grita:

- Aleluia! Aleluia!

O Zaroio, grande planejador de crimes e golpes, é conhecido por todos, no mundo do crime, pelos inúmeros serviços prestados. Recebeu-me com grande alegria e ficou horas e horas falando comigo sobre a igreja fundada pelo pastor Genaro. Frustrai-me um pouco, ao descobrir que o Pé Grande nunca fora cego e que a cura era fantasia para enganar os fiéis. Porém, engajado no plano, amanhã farei minha estreia com o testemunho do milagre operado pelo pastor de afastar o mau espírito que há muito habitava em mim. No próximo ano, estarei pronto para ser assistente e com grande perspectiva de vir a ser pastor, acompanhando Queixada e Pé Grande como obreiros de Cristo.

E como dívida é dívida e, entre irmãos não pode ter enganação, aquela garrafa de pinga, que devia ao Queixada, já está devidamente paga.

Mania de grandeza

O prefeito Aguinagildo levava a sério o *slogan* da campanha “Cansação, cidade do futuro” e procurava de todos os meios preparar o município para que, quando começasse o crescimento, a população já estivesse habituada ao progresso. A rua principal, onde estava situada a prefeitura, passou a ter mão única e foi colocado um semáforo para veículos e pedestres. Nas outras três ruas existentes, no povoado, construiu lombadas e está suspensa a concorrência da aquisição de um radar, até que se decida da validade das multas aplicadas. Veto oportuno do vereador Docontra que lhe faz aferrada oposição e não deixa de contestar as leis do executivo municipal.

Briga feia, com distribuição de panfletagem pelo vereador e rebatida, por meio do jornal impresso numa cidade vizinha, e de distribuição mensal, que naqueles dias passou a semanal, ocorreu quando o prefeito decretou que era proibido fumar em restaurantes do município. Tinho, proprietário do único da cidade, aliás estava mais para boteco, achou que era perseguição política e irritou-se mais ainda, quando contratado um fiscal para verificar a limpeza da cozinha. Vingava-se, quando chegava a mãe do Aguinagildo, que gostava de uma gelada e de um cigarro de palha, que ele proibia de ser acendido, embora a senhora dissesse, aos gritos, ser a genitora do prefeito. De uma só tacada, o chefe do executivo determinou que seria multado quem jogasse lixo nas ruas, que todos andassem com documentos para identificação na lavratura da multa (o que provocou

uma fila na delegacia), que os carroceiros andassem com pá para apanhar as fezes dos seus animais e ainda, nos veículos, os passageiros estariam obrigados ao uso do cinto de segurança. De nada adiantou o Docontra argumentar serem poucos os veículos e apresentar estatísticas de que nunca houvera qualquer acidente na história da cidade. A coisa explodiu mesmo, quando ele decretou o rodízio de veículos, fundamentado na obrigação do cidadão de Cansanção de colaborar na despoluição do planeta. Gritos gerais. Epaminondas, que pegava seu fusca, todo dia, para se dirigir ao posto bancário do Banespa, a três quadras de sua casa, encabeçou o abaixo-assinado que, em passeata, foi levado ao prefeito, suspendendo temporariamente o tal rodízio.

Mas, a coisa já começa a ferver de novo por conta de um tal buraco que se abre no meio da praça. Diz-se que é ideia do homem construir um piscinão, enquanto outros rebatem, dizendo que será um túnel ou estação do metrô. O que não é de se duvidar.

Pastor Queixada, meu vereador

O prezado leitor conhece ou pelo menos já ouviu falar do pastor Queixada. Aquele meu antigo companheiro de noitadas e bebedeiras, que andou desaparecido por uns tempos e que acabei por reencontrar, quando eu andava de baixo astral e passei a frequentar uma igreja. Encontrei-o, não ao meu lado no banco, mas como grande obreiro e fundador de uma nova igreja e, efusivamente, anunciado como Pastor Genaro. Conhecidos e amigos de farra, durante as pregações, davam seus testemunhos dos milagres operados neles pelo pastor. E, até eu, que andava numa pior, fui convencido a dar um depoimento sobre a força do pastor, ao afastar um demônio que habitava em mim.

Recebi, esta semana, a visita do pastor. Entregou-me um santinho e pediu apoio para a sua candidatura. Diante de minha admiração, falou:

- Se podem os pecadores, por que não nós, os santos? É preciso que, num sacrifício maior, além da minha dedicação à igreja, busque soluções para os que estão fora. E, por intermédio da Câmara, farei com que a nossa cidade se transforme num paraíso. Quem, meu amigo, numa perdição de violência e desrespeito terá como colocar as coisas no lugar, senão nós, que estamos mais perto de Deus? É com você, meu amigo, homem de bom-senso que conto para que consigamos salvar as almas perdidas e alimentar nosso povo de pão e espírito.

Conheci o Queixada no seu tempo de pilantragem. Mas, todo mundo tem o direito de mudar de rumo, o perdão de Deus existe e Ele faz de nossa vida um

instrumento de sua vontade. Está certo que ando meio perturbado, mas lembro, vagamente, de ter visto uma auréola sobre o pastor Queixada. Não tive coragem de falar do nosso passado nem de lhe oferecer um gole da pinguinha, da qual ele tanto gostava.

Convenceu-me o Queixada. Aquele que estiver mal-intencionado desista da candidatura, porque o pastor Queixada não vai deixar gente do mal e contra o povo conviver com ele no plenário.

Está aqui, nas minhas mãos, o santinho do pastor Queixada, registrado como o candidato de Deus. O vereador dos justos.

Falei para o amigo que podia contar com o meu voto e de um ou outro que eu, acanhadamente, conseguisse, porque não sou de fazer campanha forte, nem tenho jeito. Pediu-me que usasse da minha coluna para divulgar o seu plano e projetos. Desnecessário, a meu ver, porque são aqueles mesmos que estão sendo apresentados por todos. A vantagem é uma leve insinuação, que pode até ser verdadeira, da aprovação do céu.



Assim, o caro leitor, não tendo nenhum parente, amigo ou mesmo alguém que seja de sua inteira confiança postulando a vereança, pense no meu candidato. Se tiver alguém que ache digno do cargo, vote nele. Afinal, é preciso que alguém esteja lá para ajudar o pastor Queixada. Agora, se não tiver ninguém em vista, não vote em branco, marque Pastor Queixada que o homem é nosso.

Não tem churrasco, bandeiras, faixas, painéis, nem carro de som, pelo menos por enquanto, porque a festa do nosso candidato será na vitória. Aguardamos adesões.

Comício do vereador Queixada

Segundo consta, o pastor Queixada não queria a festa, mas os amigos insistiram e os “marketeiros” acharam que não era de bom alvitre recusar. “Vamos inovar, porém, nem tanto”, disseram. O candidato concordou, mas que fosse coisa simples e apenas para os correligionários (embora digam que foi simulação e ele tenha planejado tudo).

A princípio, tudo bem, mas a coisa começou a se espalhar e não tinha como convidar um e deixar outro de fora. Assim, tiveram de abrir o convite ao público e o que seria um discurso informal virou comício. O tesoureiro que se virasse para arranjar a grana.

A festa aconteceu e foi grande. Adversários políticos vieram com picuinhas, o que não maculou a imagem do nosso candidato. Eu mesmo presenciei o futuro vereador, em bom tom, exigir que a bebida fosse só guaraná. Entretanto, não há como negar que correu às escondidas uma pinguinha. Eu não vi o pastor beber, mas aquela alegria (embora seus assessores justificassem como emoção e contentamento), revendo nosso passado de bebedeiras, faz-me jurar que ele tomou alguns goles. Mas, quem é santo de todo? E o que tem de mais num golinho?

Pediram em coro e o Queixada subiu ao palanque para umas palavrinhas. Iniciou dizendo:

- Na igreja, sou o pastor Genaro, aqui sou povo, do povo e pelo povo, sou simplesmente Queixada - o povo aplaudiu e eu também.

Falou sobre seus planos e projetos. Não medir



esforços para que sejam solucionados os problemas da educação, saúde, segurança, desemprego, fome, pobreza e cultura. Achei muita coisa, mas o pastor é esforçado e pensa longe. Disse que é pela fé que vencerá a violência. Vai infernizar (com o perdão da palavra) a vida dos bandidinhos até que se convertam. “Nossa região será um céu”, bradou o candidato sob aplausos. Com espanto, emiti um “Será?” Um irmão, do lado, benzeu-se e falou “Sai pra lá, Satanás”, o que me fez refletir que, na empolgação, mentiras maiores são ditas por outros candidatos, e que uma mentirinha, se é que é mentira, não desmerece o nosso, que está protegido e do lado de Deus. Ter alguém lutando por nós é uma grande coisa. Sei que, na igreja, anistiou os atrasados e reduziu o valor do dízimo até dezembro, o que prova que é bem-intencionado.

Não ficou nada de fora. Asfalto de ruas distantes, iluminação, água encanada, postos de saúde, creches, arborização. Tudo falado em viva voz, confirmando o

que já traz, no verso do santinho, que está comigo para cobrar depois da eleição. Sei que nem precisa, porque o homem é sério, mas é um documento que vai envelhecer, na minha carteira, perturbando a vida dele se não fizer o prometido.

Se, por acaso, o amigo leitor sentir que faltou alguma coisa, fique à vontade para avisar. Ainda dá tempo de fazer um adendo e incluir, porque o vereador quer satisfazer todo mundo. Está certo que vai fazer muita coisa, mas uma coisinha a mais não vai pesar tanto e dá para encaixar. Vamos aproveitar, porque não é sempre que surge um candidato assim, disposto a ouvir e pensando na gente.

Dois Brasis

Um é sonho, e o outro, pesadelo.

Enquanto se pune quem não usa o cinto de segurança, muitos são transportados em pau de arara, embalando-se no balanço dos buracos.

Enquanto se fala que o crime será punido, vê-se mortes e mortes sem razão e num desvalor à vida que, se não formos corajosos, acabamos por nos esconder dentro de casa amedrontados com a ousadia cada vez maior.

Enquanto se propõe vistoria de veículos, circulam cacarecos como meio de sobrevivência.

Enquanto se fiscaliza a higiene de alimentos, muitos comem de qualquer jeito e o que lhes cai nas mãos; quer venha do lixo ou de onde vier é melhor do que o ruído da barriga vazia.

Enquanto alguns se deliciam em preparados especiais, outros se enchem com o que a sorte lhes mandar e nem acreditam que existe o paladar. Qualquer coisa mata a fome. E a comida deve ser para isso.

Enquanto existem suntuosas moradias, do outro lado, resistem velhos barracos com furos nas velhas telhas e um improvisado lar, com telhado de concreto, em que se transformou uma ponte.

Enquanto uns gastam consigo o que daria para sustentar uma cidade, outros não ganham nem o seu próprio sustento.

Enquanto se proíbe que menores de dezesseis anos trabalhem, crianças, em idade de brincar de bonecas, limpam para-brisas e vendem amendoins nos faróis. Se você mandar engraxar seus sapatos, por aquele

molequinho, na praça, está sendo cúmplice de um crime. Claro que falta ainda uma lei proibindo, também, de comerem e se vestirem.

Enquanto importados entram com preço de banana, as indústrias se transformam em atacadistas, revendendo produtos e gerando empregos noutros lugares.

E o desemprego aqui ficou tão grande que, ao se falar a um pedinte que tem de ganhar o pão para o sustento, com o próprio suor, vem a pergunta “Como?”

A gente se apavora quando vê lojas que, pelo seu porte, o faturamento mal dá para pagar o segurança que são obrigadas a exibir na sua porta.

Aí a gente, no meio do pesadelo, reflete que pelo menos a migalha deve ser distribuída para a própria segurança de quem tem muito. Porque ter a riqueza e viver cercado pelo medo não é bom. Além do que, a fera enjaulada, quando tem a fome muito aumentada, encontra forças não se sabe de onde e perde o juízo.

Desculpas pela seriedade com que levei o texto de hoje. Mas, de vez em quando, se é puxado de um sonho do país que se deseja e se cai na realidade que vira pesadelo.

Maria Sebastiana

(Sasha)

As luzes que espocavam não eram *flashes*, mas faróis que passavam a mais de noventa por hora, na Marginal do Rio Tietê, e clareavam por baixo da Ponte do Limão.

Ao choro fraco, Anterôncio pegou a caneca de água extraída do rio e fervida, por duas vezes, para matar micróbios sobreviventes da primeira fervura, e iniciou seu trabalho de parteiro da própria mulher. Relembrou as conversas e teorias de sua velha mãe, parteira, que ele colocava agora em prática.

Ao cortar o cordão umbilical, segurou-a, nas mãos, e bem alto para que quem passasse visse, e gritava mostrando, ao mundo, a sua princesa Sasha.

Hoje, enfezou-se, ao lembrar que ainda não tivera coragem de contar para a mulher que não tinha como levar a registro o nome. Tentou ainda conversar com o cartorário, mas foi tratado com desdém e sem margem para argumentos. E não podia nem discutir, era de graça mesmo. De qualquer forma, não se dava por vencido e tinha escrito ao presidente pedindo que interferisse no caso e que ele precisava ver como a Sasha era linda e merecia o nome. Era uma esperança. Afinal, fora reeleito com seu voto e tinha de zelar pelos seus “súditos”, pensava. Subscreevera o envelope em letras garrafais e, ainda, dentro avisava: “Mandar para o Bar do Magrão, na Rua Canindé s/n – Pari, a ser entregue em especial favor ao Anterôncio.”

Se bem que vinha observando que a Marinete não andava lá muito boa da cabeça. Não pelo nome

escolhido, mas pelas atitudes. Ficou meio “assim”, quando a viu juntar um monte de cascalhos, que chamava de brilhantes, para ornamentar um cesto que dizia ser um berço banhado em ouro; apanhou latas de cerveja jogadas na pista e amarrou num pano, pendurado nas colunas da ponte, que dizia ser uma porta enfeitada com sinos dourados na entrada do quarto. Recortou aquela blusa velha, preta na cor e no tempo, dizendo ser seda rosa e um lindo vestido; pegou seu litro, ainda não bebido, de caninha e colocou sobre uma lata com toalha de papel, num canto, dizendo que era champanhe para brindar o nascimento. Conversar sem resposta com quem estava parado, no trânsito do final de tarde, dizendo que estava bem e que sentia a sua Sasha se mexer e que logo, logo, ela estaria nascendo. Abismou-se o Anterôncio, quando ela lhe falou que, se no dia não houvesse estrelas, ele escalasse o céu e abrisse caminho nas nuvens para surgir, ao menos uma, para a sua Sasha que nascia. Quis proibi-la de sair com aquele barrigão para ir até São Miguel Paulista para votar, mas cedeu aos argumentos de não querer ser responsável pela não-mudança no país, ainda mais agora que trazia sua filha ao mundo. Ele a acompanhou e percebeu que ela não diminuiu nem um pouco seu sorriso diante das caras feias pelo seu corte na imensa fila. E, pelo jeito, com os mesmos argumentos, ainda sob risco de quebrar o resguardo, irá com sua Sasha, no colo, dar o seu voto no segundo turno.

Não tivera nenhum entojó nem desejos na gravidez.

É, parece que está com algum parafuso solto, mas ele é que não vai apertar. Como é que vai dizer que tudo aquilo que ela vê é ilusão? Tomara que não seja só nesta fase puerperal. Mesmo porque, ainda que a menina seja Maria Sebastiana, no escrito, na boca será sempre Sasha e, em breve, vai virar nome de boneca. Portanto, não há porque ela saber já.

Revendo-se

Sabe como a gente se sente, naqueles dias nostálgicos, com lembranças da mocidade e de querer saber como e por onde andam os tantos amigos que passaram por nossa vida? Pois, assim vinha o Belarmino há algumas semanas. Encucado com a ideia, andou por escolas buscando as listas dos alunos, investigou nomes de colegas de rua e, depois de uma relação detalhada, procurou descobrir como se saíram. Alguns não viraram nada e não foi nenhuma surpresa. Uns faleceram de morte natural, outros de acidente ou assalto e teve uma colega que morreu no parto. Todos receberam uma missa com encomenda da alma. Tardia, mas com muita fé.

Mário e Julieta se casaram. Tinham um grande amor um pelo outro e não podia ser diferente. Matilde, depois de casada, fugiu com um taxista. Também normal, pois a bichinha já era sapeca e danadinha desde pequena. Arnaldinho, depois de formado, entrou nos negócios do pai com ideias novas e uma administração arrojada, levando a loja do velho à falência. Era de se prever, pois ele sempre fazia besteiras. Messias virou um grande médico. Tinha jeito desde menino. Agora, com o que não se conformava mesmo o Belarmino era com o sucesso do Francis. O Francis era aquele que sempre sentava no fim da sala e quase sempre a bagunça se iniciava com ele. Difícil o dia em que não ficava de castigo ou não ia para a diretoria. O pai sempre era chamado na secretaria. Foi ameaçado de expulsão diversas vezes. Nunca foi visto estudando. Passava raspando e, muitas vezes, com ajuda. Quando lhe falaram que o Francis comandava a

equipe em que estavam alguns dos colegas que eram bons mesmo, ele não quis acreditar. Estranhou que o Francis, que só passava na cola, nunca foi de estudar e era previsível que nunca seria nada, estava com tudo. Achou estranho também que ele, o Belarmino, que era da turma que passava cola e sempre empurrou o cara de um ano para o outro não fosse convidado para fazer parte da tal equipe.

Questionou um e outro sobre aquele absurdo. Gildásio, mais ousado, fez-lhe algumas indagações. Perguntado sobre onde sentava o Francis, no dia de prova, Belarmino disse que o cara era esquisitão. Cada dia, sentava em um lugar. Se sabia o porquê, respondeu que ignorava. Foi quando Gildásio lhe apontou o que ele nunca percebera: “Na prova de Português, sentava na carteira atrás do Farias; na de Matemática, ao lado da Beatriz; na de Geografia, no fundo perto do Giba, que também era bagunceiro, mas era encanado na matéria; na de Ciências, ao lado do Messias; na de Química, do teu lado, Belarmino. Como vês, o homem não era fraco não. Enquanto a gente se ralava, ele ficava na dele, explorando o talento de cada um. Tu sabias quem era melhor em qual matéria? Pois é, Belarmino, o sujeito tem um grande senso de observação e administração de talentos que permanece até hoje.”

Belarmino, inconformado por estar fora da turma, tentou tirar uma satisfação. Não conseguiu, engoliu a raiva e ficou por isso mesmo.

Gildásio, perverso como ele só, opinava “Talvez, você tenha ficado de fora por causa dessa mania doida que tu tens, que certamente o Francis já percebera há muito tempo, de ficar com uma coisa na cabeça e não pensar em outra.”

Separados?

Já fazia um tempo que a cama estava pequena para os dois.

A necessidade de mais espaço e liberdade, no dormir, fez com que Belarmino deitasse, mais vezes, no sofá. Joanita, a princípio, reclamou, depois foi se acostumando e se esparramando pela cama.

Belarmino começou a perceber e a reclamar das suas coisas fora do lugar. Sempre que queria usar aquela camisa ou calça, estava sem passar. Nunca sabia onde se escondia o que procurava e, ainda, ouvia insinuações de dependência e de querer tudo nas mãos.

As ideias foram se formando e aquilo martelando até que, a partir de um programa de televisão, resolveu montar uma casa só sua, embora continuasse o casamento.

Joanita achou a decisão um absurdo, mas Belarmino estava disposto a levar em frente a decisão e confessou que estava cansado de morar em sua casa e não ter liberdade para mandar e desmandar. E descarregou seus motivos:

- A casa, na verdade, pertence a ti Joanita e não a mim. Se, por acaso, eu chegar aqui com aqueles amigos do futebol e, depois de tomar uns pileques, ficarmos a falar das jogadas, de quem foi o erro, de quem foi o gol e da próxima partida, sem preocupação de horas, tu vais aceitar? Por acaso já vim, alguma vez, com amigos que tocam legal um cavaquinho e ficamos até alta noite cantando?

Sabes que eu já senti vontade de fritar um ovo, eu mesmo, e deixar, no ponto, sem ligar para a gordura

espalhada pelo fogão? Sabes que é a contragosto que eu fecho o *box* e que a toalha molhada no chão não é esquecimento, pois gosto de deixar lá mesmo? E que me enraivece, após a barba, guardar imediatamente o aparelho e a pasta? Sabes que quando estou ouvindo minha ópera e tu reclamas de dor de cabeça, pedindo para abaixar o som, me dá vontade de levá-lo às alturas? E já reparaste que, toda vez que eu ouço, surge a tua dor de cabeça? Já notaste que eu deixo sempre o meu chinelo ao lado da cama, e quando chego, tu já guardaste no lugar certinho e eu sempre esqueço? Sabes que não gosto nada, nada, daquele quadro do toureiro pendurado na parede da sala? E que, várias vezes, passou-me pela cabeça atirá-lo ao chão? - desabafou mais e mais, até que Joanita concordou.

Alugou um apartamento e foi a custo que o Belarmino conseguiu colocar uma ou outra coisa onde queria. Seu sonho de praticabilidade foi por água abaixo e os cômodos se encheram de móveis, ao gosto da Joanita. As coisas foram entrando devagarinho. Numa coisa ou outra, ela cedeu, mas tinha sapateira e porta-toalhas. Foi quando ela ameaçou colocar um quadro na parede, que ele disse:

- Chega!

Bagunçou tudo e exigiu que ela não arrumasse mais nada na casa, que agora era só sua.

Mas, foi no dia do *blecaute* que Belarmino percebeu que, em algumas coisas, a Joanita estava com a razão e que tinha sentido o conselho dado pela mulher para que guardasse um maço de velas naquele cantinho do armário (que por sinal é uma bagunça total), para uma emergência.

AH, A PAZ...



Eta carnaval!

Carnaval é considerado uma festa pagã. Tanto que para se livrar dos perigos e tentações e rezar pelas almas mais fracas, é que, nessa época, realizam-se os retiros espirituais dos quais Belarmino participou, muitas vezes, em isolamento total do mundo material. E, nos últimos, para se penitenciar de pequenos pecados, com jejum e tudo.

Neste ano, não falou nada e, na sexta-feira, sumiu. Procurou-se pelo Belarmino por tudo quanto era lugar, desde delegacias até necrotérios e nada.

Um menino da vizinhança disse ter visto passar o seu Belarmino, vestido com uma bermuda preta com adornos brancos de fundo, uma camiseta com bolinhas nas mangas, no peito um verso carnavalesco e nas costas um desenho da Tiazinha e de tênis sem meia. Mas, conversa de menino ninguém nunca sabe se é verdade ou fantasia.

Com os parentes desanimados e dado como integrante da lista de desaparecidos, no entardecer da quarta-feira, chega o Belarmino, vestido do jeitinho que descreveu o guri. Ele, nem aí com as perguntas simultâneas da mulher; alegando muita dor de cabeça da ressaca, pediu que não fizessem barulho nem o chamassem, pois queria dormir e se curar. Assustados com o jeito bravo e olhos esbugalhados, ninguém teve coragem de contestar.

Descobri, numa conversa de boteco, ainda ontem, o que ocorreu.

Belarmino, depois de tomar algumas, se abriu

comigo. Vinha há algum tempo cabisbaixo. Depois que fora dispensado do emprego, notou que a mulher e filhos não estavam lhe dando o devido respeito. Seu comando vinha caindo e a mulher até lhe passava alguns cartões. Aquele ciúme que ela tinha parece que se esvaiu e que ele não estava lá essas coisas para despertar vontade em ninguém. A mulher implicava não com sua demora fora de casa, mas com suas idas e vindas para a rua a toda hora, sem saber o que fazer. E lhe dizia com energia “Resolve Belarmino, ou fica fora ou dentro, porque está atrapalhando a limpeza da casa.” Já começava a ouvir insinuações, tipo “Quem te quer”, “Quem te olha”, e aí decidiu. Queria ver se estava assim mesmo tão jogado. Pegou o dinheiro da última parcela do seguro-desemprego e torrou na roupa, confetes e serpentinas, deixou uns caraminguás para gastar em cervejas e para o que aparecesse. Nunca se sabe.

Confessou-me que percebeu que seu astral não estava tão baixo assim. Enganara-se a mulher. Encontrou pelas cinco noites gente que se amarrou na dele, que não foi fácil! Abraçou e foi agarrado por mulheres bonitas ao som dos tamborins; mas, na segunda noite, já estava pulando de mãos dadas com uma fulana que era artista de cinema e se amarrou no jeitão dele e ele no dela. Estava por cima e ainda era o tal.

Fiquei confuso, quando o Belarmino começou a tirar a roupa, ficando com a tal bermuda e camiseta, dizendo “Olha ela aí!” e dirigiu-se para a rua, saindo de mãos dadas com uma fulana de tanguinha, sutiã e sapatos altos como se estivessem ainda no desfile.

Segurei o impulso para não falar para o Belarmino que aquela era a Maria Pedreira, doida varrida de vários carnavais.

Aproveito o ocorrido para pedir aos amigos que, se acontecer comigo, pelo amor de Deus, não me avisem não.

De mal com a vida

Reclamam do meu jeito e da minha cara carrancuda. E dá para ser diferente? De manhã, acordo com algazarra e gritos de garotos que correm atrás de uma bola e sobre patins. Num mesmo ritual de anos, vou até a janela e vejo aquele doido, só pode ser, que todos os dias, metido num calção listrado, circula o parque correndo sempre a consultar um cronômetro que carrega no pulso. Uma folheada nos jornais me aumenta o mau humor. Só notícias ruins. O pornô prolifera na televisão e no rádio. Não bastasse o rock, cuja culpa por eu ter começado a odiar é do desajustado do meu filho, sempre com o som ligado nas alturas estourando meus tímpanos. Criei tanta ojeriza, que hoje, a simples visão de uma guitarra me perturba a ponto de, se não me segurarem, quebrá-la na cabeça do roqueiro.

Agora, são mocinhas de pernas de fora e letras pornográficas fazendo sucesso. Não suporto mais o “Tchan”, dança do Bumbum, da Garrafa, do Maxixe, do Pirulito, Tanajura e outras mais que, certamente, virão. Não que eu seja contra mulheres sensuais, mas esses batuqueiros já estão abusando e isso ninguém pode negar. Se não derem um breque, a coisa vai degradingolar. Até a minha música preferida, “Índia”, já não posso mais ouvir, sem que me venha na mente a figura desdentada do Tiririca. Minha vontade é arrancar-lhe o restante dos dentes com um soco e, copiando Mike Tyson, morder-lhe as orelhas. Depois desse moço, nunca mais “Índia” será a mesma.

Tiraram-me o cigarro sob argumentos de

melhorar minha saúde, já não posso sentir o gosto da fumaça e o cheiro do tabaco queimando. Sinceramente, só balela, pois continuam a rouquidão e a tosse que me acompanham há anos. O cansaço, a falta de ar, depois de qualquer esforço, ainda são os mesmos. O nervosismo que sempre me acompanhou, segundo diz o pessoal que me cerca, está cada dia pior. Cá para mim, por dois motivos: a falta do cigarro e o conluio dessa gente que insiste em me atazanar. Quando vejo figuras de montanhas, cascatas e cavalos, fico em delírio, sonhando com um malboro entre os dedos e grandes baforadas. Quando caio em mim, vejo que é tudo ilusão. Reconheço que implico com coisas mínimas e infernizo a vida de quem está perto. Mas, também, como todo ex-fumante, condeno os que fumam e reclamo, quando vem uma fumacinha, embora intimamente goste de sentir o cheiro. Aponto placas e exijo o cumprimento dos meus direitos de não-fumante.

Proibiram-me a bebida, sob argumentação médica de que minha saúde exigia deixar de tocar em qualquer espécie alcoólica. Com certeza, foi boicote motivado pelo fato de que sob efeito do álcool eu dizia certas verdades que essa gente não gosta de ouvir. E, ainda mais, sempre tinha um ou outro que ousava contestar-me e, por várias vezes, parti para cima a fim de resolver no tapa. Até na entrada do ano, enquanto brindam com champanhe e se enchem de beber, dão-me um suco e não descuidam. Como sinto inveja quando vejo um fulano cambaleando, em ziguezague, jogar-se numa calçada e ali ficar sem dar a mínima para a vida!

Ah!... essa turma que fica pegando no meu pé não perde por esperar. Qualquer dia, eu ainda apronto uma com eles. E vai ser antes dessa morte que, só para me atormentar, demora a chegar.

Mudanças de um tocador

Eminiana conhecia muito bem o Laureano. Nos seus quase dez anos de casados, pouca coisa tinha mudado no moço.

Era tradição, no final do dia, trancar-se, no quarto, e tocar pelo menos, por uma hora, suas músicas de rock. Eminiana segurava os filhos para não importunarem o cantor. Se quisessem ouvir que colassem o ouvido na porta. Ferrenho crítico e de ouvido apurado repetia, por diversas vezes, a mesma canção até que se desse por satisfeito e, aí sim, tocaria numa reunião com amigos. Por mais que insistissem, se não estivesse com os acordes perfeitos, ritmo e harmonia ‘acasalados’, não tocaria uma canção, mesmo que embalado por churrasco e bebedeira e, ainda, que alguém se oferecesse a acompanhá-lo ou a fazer uma segunda voz.

Muitos achavam o fulano esnobe, metido e extremamente carinhoso com seu instrumento. Até brincavam “Podem arranhar e amassar a mulher do Laureano, mas ai de quem melindrar o seu violão.” Mas, todo artista tem o seu estilo e Laureano era criterioso com sua arte. E foi num animado churrasco na casa do Doidão que, pela primeira vez, Eminiana percebeu que, embalado pela caipirinha, o tocador batia um sertanejo acompanhado em coro pelos amigos. Apareceram até com uma revista de músicas do Zezé Di Camargo e Luciano, que jogaram nas mãos do Laureano que se esforçava no pontear de boleros sertanejados e no arrastar de voz. A alegria era geral com o novo estilo do violeiro.

- Agora sim! Tá do jeito que a gente gosta -

dizia o Doidão. Mas, Eminiana não se entusiasmava nem entrava no clima. Estava, no seu canto, apagada e pensativa com aquela mudança de estilo do marido. E foi no refrão de “Pão de Mel”, música que o marido já sabia de cor, que ela abriu um choro baixinho, daqueles que perturbam mais que um berreiro e que acabou com a festa. Questionamentos sobre o quê? Qual o problema?... E nada. Conjecturas e comentários em cochichos. Mas foi quando o Laureano lhe perguntou qual a dor que a incomodava, ela se abriu:

- Dor de coração. É a mudança no teu estilo Laureano. Como é que tu, que só queria saber de rock e só tocava quando atingia a perfeição, me vem com esses sertanejos e melodias dengosas e, ainda, arranhando o violão de qualquer jeito?

Não adiantou ele retrucar que estava em voga. A Eminiana rebateu que ele nunca foi de modismo e que, pelo que se sabia, o que estava em moda e crescendo, no gosto do povo, era o forró e não aquelas canções que ele estava tocando dum jeito apaixonado. Embora o tocador argumentasse que forró e sertanejo eram quase iguais, a mulher chamava-lhe a atenção de que ele era muito bom de ouvido e de viola para querer confundir os ritmos.

A festa acabou, a viola está por uns dias encostada e até empoeirando, mas não me sai da cabeça e nem da cuca da Eminiana que o jeitão do Laureano é o de quem está com paixão nova no coração, o que a faz ligar-se em outros comportamentos do mancebo e observar suas conversas com amigas que são caídas por moda caipira.

Carnaval, nunca mais!

De uns tempos para cá, vinha me recusando a aceitar o carnaval como festa de gente. Gente de bem, quero dizer.

Se, no dia a dia, já está uma esculhambação, imaginem, então, se no carnaval a coisa não vai ficar como o diabo gosta, plagiando o discutido anúncio da cerveja. Qual o cristão que aguenta tanta insinuação e estímulo ao apetite sexual sem se revoltar? É Tiazinha, Feiticeira, Sheilas. Difícil encontrar um programa de televisão em que não tenha uma dançarina quase pelada. Coisa horrível! Foi, por tudo isso, e apontando o porquê que, no carnaval do ano passado, falei para a minha mulher que queria isolamento. Claro que ela reclamou. Disse que tinha planejado viajarmos para o litoral, como todos os anos, que tinha combinado com amigos de irmos para o clube, reservado mesa.

Quando expliquei que o isolamento era isolamento mesmo, isto é, eu iria ficar sozinho, longe de todo mundo e só em orações, ela se assustou. Mulher é assim, só pensa em festa, diversão. Ela me sugeriu que fôssemos para a praia e eu ficasse no quarto dos fundos rezando. Veja se tem cabimento. Quem consegue se concentrar e pensar em Deus, sabendo que lá fora rolam bebida e cantoria. Não ia dar certo. O que eu queria, mesmo, era ficar longe de tudo e todos, sem uma viva alma, só eu e Deus. “Comprei mantimentos e, amanhã cedo, vou tomar um ônibus qualquer, descer no meio da estrada e entrar no meio do mato. Andar até achar um lugar adequado para me purificar”, falei, querendo encerrar o assunto.

Não é que a mulher veio com conversas de que era bobagem e exagero? Pois bem, precisei arrastá-la para um canto e abrir o jogo “Tu lembra daquele meu caso com aquela fulana? Pois é, tu me perdoou, mas eu não. Preciso me penitenciar e vai ser agora.” Ela chamou a minha sogra, achando que era mais uma recaída de loucura. É sempre assim. Quando a gente quer pensar alto, dedicar-se ao espírito, acham que a gente endoideceu.

Minha sogra veio. Vocês devem saber muito bem como são as sogras. Cochichou que eu estava querendo aprontar alguma. Ameaçou me prender no quarto e me obrigar a fazer a oração lá, durante o tempo que quisesse. Claro que não aguentei e ameacei “Se alguém tocar a mão em mim, perco a cabeça.” Peguei minha Bíblia, coloquei na sacola, me benzi e falei “Afasta tentação.” Viram que eu estava muito contrito e que não tinha jeito. De manhã cedinho, peguei minhas coisas e fui embora.

Na quarta, por volta do meio-dia, cheguei assonorentado. Minha mulher me serviu um café e perguntou se eu tinha rezado muito. “Demais”, respondi.

- Leu a Bíblia? - perguntou interessada.

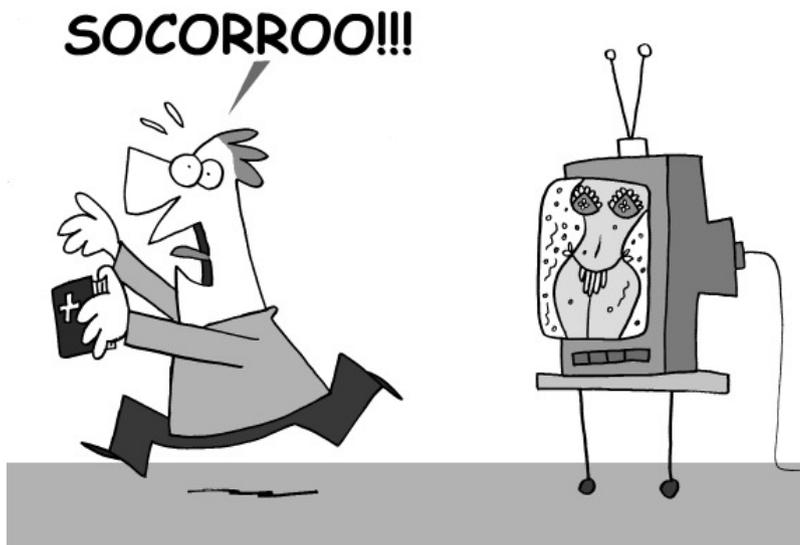
- Li e reli - falei.

Ela retirou a Bíblia da minha sacola, me pôs nas mãos, pedindo que eu lesse um salmo. Tentei abrir e qual nada. Uma folha colada na outra como se fosse um bloco só. Vieram-me, no pensamento, o diabo de um lado e minha sogra do outro, os dois rindo a valer. Só podia ser coisa dos dois. Por mais que eu dissesse que cerca de meia hora atrás eu estava folheando o santo livro, minha mulher não quis acreditar. Saiba, amigo, que os mais fervorosos são expostos a maiores provações. Se, em dias normais o diabo já faz das suas, imagine no carnaval! Portanto, tenho comigo que, no carnaval, é o dia em que ele mais apronta.

Ontem minha sogra perguntou se eu iria me isolar de novo. Respondi seco:

- No carnaval, nunca mais.

Enquanto entrava no quarto, ouvi-a dando uma risadinha sarcástica.



Atrevimento do Januário

- Não. Não chegou ainda, senhora - falou o porteiro, num tom de voz meio áspero, resultado do quinto telefonema.

- Não esqueça de avisar que ele não durma sem antes me ligar e que estarei esperando - insistiu Gracilina.

Nunca havia acontecido de o Januário ter aprontado uma dessas. Sempre foi um sujeito caseiro e temente à mulher. Aquela viagem a serviço com colegas não fora bem aceita por ela; mas, por fim, concordou diante dos argumentos de crise e do crescente desemprego, que ele deveria sacrificar-se por dois dias noutra praça.

Desde os tempos de namoro, Januário passava aperto e sempre sujeito a prestar contas dos seus movimentos e ausências, mesmo que por tempo mínimo. O que ela dizia ser interesse por ele, para mim, era observação meticulosa de mulher desconfiada.

Januário nunca leu coisa qualquer que Gracilina não lhe interrogasse do assunto e esbugalhasse aqueles negros olhos a querer captar um mistério no motivo do livro nas suas mãos.

O domínio sobre seus interesses e o ciúme vinham de longe. Descobriu sua assinatura da revista “Playboy” e, tanto fez, até que ele cancelou.

Nem por isso deixou de lhe revirar as coisas e acertou, no pressentimento, de que ele não resistiria a comprar a da pose da Vera Fischer. Teve longas noites de insônia, quando alardeou-se que, de novo, posaria a Carla Perez e, embora não o tenha pego em flagrante

(acredito que também por zelo do Januário), não lhe sai da cabeça que o fulano viu a Carla pelada. E não é para morrer de ciúmes?!

Não passou dos três primeiros capítulos de Hilda Furacão. Quando percebeu que o tema desandava para a leviandade e estímulos ousados, numa crise de ciúmes, Gracilina proibiu que adentrassem à sala tais cenas. Januário nunca levantou a voz ou contrariou dona Gracilina.

Nem bem pisou no degrau da entrada do hotel, o porteiro foi lhe avisando dos oito telefonemas da mulher, que ela estava brava e mandou lhe dar o recado de que não estava gostando nem um pouco daquela palhaçada e que ele ligasse imediatamente para casa.

Não se ouvia outra coisa que não fosse gargalhada e via-se o riso malicioso do porteiro. Januário refletiu que fosse qual fosse o tamanho do seu aprontamento, a mulher iria lhe comer o fígado, quando lá chegasse de volta. Melhor ficar com um, do que dois problemas. Não se pode negar que a cachaça ajudou a não deixá-lo desmoralizado perante os colegas. Tomou o telefone e, pela reabilitação, xingou a mulher como nunca fizera e que ela não tivesse, novamente, a ousadia de lhe importunar, sob pena de levar uma sova maior ainda, porque pelo menos uns sopapos ela levaria, quando do seu retorno. Bateu o telefone, não dando tempo para Gracilina sair do espanto. Dirigiu-se ao porteiro, dizendo que fosse quem fosse, não o incomodasse.

Nunca ousara tanto, ele reconhecia. Tanto é que agora, de joelhos, pedia que ela lhe perdoasse o atrevimento. E concordava que os bofetes que estava recebendo eram merecidos, mas tinha a recompensa de não estar sendo alvo de gozações no escritório.

Férias

Finalmente, chegaram e, como sempre, ficaram umas coisas para a última hora. Do carro calibrou pneus, abasteceu, deu aquela caprichada no som, arrumou umas fitas novas do Zezé Di Camargo e Luciano e, para não ser chamado mais uma vez de machista, uma antiga do Roberto para sua mulher. Só não deu para trocar as pastilhas; mas também, em estrada, quase não se usa freio, matutava. Das coisas de uso coletivo e individuais, a mulher se encarregara e, com certeza, como de hábito, ficariam algumas no esquecimento.

Já tinha falado “Vamos sair na madrugada e não quero atraso.” Dito e feito. Lá pelas dez horas, já estavam descarregando as coisas na casa alugada na Praia Grande. A caixa de isopor com cerveja, o litro de 51 e o limão ficaram no carro, já de frente para a rua. Antes das onze, o Arisco (nome dado carinhosamente ao Gol) estava estacionado na areia, com porta-malas aberto para expandir mais o som. No abrir das portas, o guri de cinco anos correu para o mar sem dar a mínima para os gritos de pavor e raiva da mãe. Garibaldini, normalmente nervoso e ainda mais com umas na cabeça, arrastou o moleque da água até a mãe pela orelha, fora os cocorotes na cabeça, jogando-o aos pés dela, e dizendo a ela que aprendesse a agir e ensinar com mais rigor em lugar de ficar aos gritos sem resultado prático. Um gorducho, sentado na areia, que estava se sentindo incomodado com aquele barulhão da música e agora com o choro do garoto, olhou feio. Um outro, com dedo em riste, falou-lhe sobre os direitos e o estatuto da criança, ameaçando encanar o Garibaldini

por infringir o artigo 5º da Lei 8.069/90. Coisa que logo passou, pois o fulano percebeu, em pouco tempo, que o moleque não era brincadeira e aprontava uma atrás da outra. Como ele mesmo disse, tomando um gole da caipirinha “É, seu Garibaldi, esse pra educar vai ter que ser nos trancos mesmo”, sob reprovação no olhar da dona Tíndia, que se ensaboava com o bronzeador.

Com o Sol já se pondo, Garibaldi reclamava que a mulher quase não tinha ido à água e estava toda vermelha. Com certeza, não iria aguentar até o fim das férias. E se era só para tomar Sol, que ficassem na represa. Tíndia, que sempre ficava na dela, mas tinha tomado uns goles de batida de abacaxi, respondeu que nem se compara o Sol de água salgada com o de doce. E tinha outra: que ele maneirasse nas olhadelas para uma fulana deitada, numa esteira em frente, senão ela iria aprontar uma boa, ainda mais altinha como estava.

Ao cabo de dez dias de praia, chegaram de viagem tarde da noite. No dia seguinte, no banco, Garibaldi, não bastasse o ardor das queimaduras, abria a boca de sono e preguiça e pensava “Que férias são essas, que cansam mais e ainda deixam preocupações em cobrir cartão de crédito e estouro de conta corrente?” E reclamava para o colega ao lado “Vida de bancário não está fácil não!”

Doo casa de praia e chácara

Nos dias que antecederam ao fechamento do negócio foi uma agonia. Na primeira visita, a mulher elogiou em demasia e insistia na compra de imediato, sem perspicácia, o que fez o vendedor endurecer no preço e até insinuar aumento. Aos argumentos de falta de recursos, a família mostrou solidariedade. Joanita, sua mulher, prometeu colaborar, reduzindo seus gastos pessoais por uns tempos. Dos filhos, Zinho se propôs a contribuir com parte da sua mesada, Edileuza assumiu o compromisso de passar de ano e ajudar mais em casa, enquanto Gildanésio assegurou que seria mais rápido no chuveiro e usaria menos o carro do pai para economizar na gasolina. Da pintura da casa, se comprada, podia deixar que ele mesmo e alguns amigos cuidariam. A despesa era só de uma caixa de cerveja e um churrasquinho.

Orações e promessas, por fim, o vendedor cedeu e aceitou, como parte de pagamento, o carro (de que a Joanita abriu mão), a bicicleta 10 marchas do Zinho, um terreno imprestável, em Juquiá, um pouco de grana e umas promissórias a perder de vista.

Para começar, ninguém cumpriu o prometido. Os amigos do Gildanésio foram sim, mas para participar do churrasco, banhar-se e desperdiçar material. Joanita continua fazendo sua coleção de sapatos e inferniza a vida para comprar um outro carro. Edileuza não está com jeito de quem vai ser aprovada e o Zinho reclama da mesada que não tem aumento.

Nos finais de semana, Joanita se mete naquele

fogão a cozinhar para um batalhão de amigos dos três filhos, que são mais relaxados que eles, também só gostam de som nas alturas e reclamam da cerveja sem gelo. O coitado, para não ouvir mais reclamações, é obrigado a deixar de lado sua soneca para ajudar a lavar louças.

Vizinhos e amigos aparecem quase sempre. Uns parentes que andavam meio brigados e até alguns que ele desconhecia que tinha, andam a todo amor. Se bem que já tem uns de cara virada, porque não deu para satisfazer a todos ao mesmo tempo. Uma afilhada de não sei quantos anos atrás, quando ainda morava no interior do Paraná, já ligou dizendo que vai casar e se presenteou, usando a casa para a lua de mel. Uma prima, que sempre foi seu xodó, pediu emprestada para um feriado, com o que ele concordou, mas a Joanita, toda enciumada, já avisou que vai aprontar uma boa se a fulana vier pegar a chave. E ela perde a cabeça mesmo. Quando uma amiga dela lhes fez companhia na praia e usou um minúsculo short e, em poses sensuais, dirigiu olhares melosos para ele, Joanita não quis nem saber do tempo de amizade, nem se a fulana tinha tomado um pouco a mais. Meteu a dona de volta no ônibus não, sem antes, dar-lhe uns tabefes. E ainda, na volta, disse para o marido da tal que cuidasse de sua mulher.

Mas, foi só na semana passada, quando chegava na casa, e viu a rua lotada de carros, som nas alturas, gente que não cabia mais na casa, o chão molhado de bebida, uns caras esquisitos, todos à vontade no sofá, e o seu quarto trancado com um casal, que só abriu depois de insistentes batidas e, o cara de pau, com brinco na orelha e tatuagem, teve coragem de pedir “Ô tio, pega uma gelada na cozinha pra nós”, que ele estourou.

Não quis nem saber dos reclamos da Joanita, engrenou a primeira e foi para a chácara dar uma esfriada na cabeça. Chegando lá, encontrou sua churrasqueira

acesa, suas cervejas sendo tomadas por uns caras desconhecidos, que se apresentaram como parentes do caseiro e até lhe ofereceram um pedacinho de costela no ponto. Deu ré no carro e, na segunda-feira, bem cedo, foi colocar um anúncio no jornal:

**DOO CASA DE PRAIA E
CHÁCARA, SÓ COM O
ÔNUS DE ME DEIXAR
USAR DE VEZ EM
QUANDO E, AINDA,
COM PERMISSÃO DO
DONATÁRIO.**



Glossário

- Adendo - Aquilo que se acrescenta a um livro, a uma obra, para completá-la.
- Adesão - Aprovação, concordância; apoio.
- Agastado - Irritado, encolerizado, irado, aborrecido, zangado.
- Alarde - Ostentação, vangloriar-se, gabar-se.
- Algazarra - Vozeria, gritaria, clamor, barulhada.
- Alienada - Falta de consciência dos problemas políticos e sociais; alheamento.
- Alvitre - Notícia, novidade, nova.
- Anomalia - Irregularidade, anormalidade.
- Arregimentar - Reunir, unir, associar, em partido, sociedade ou bando.
- Auréola - Círculo dourado e brilhante que, nas imagens sacras, envolve a cabeça de Cristo e dos santos; halo.
- Auscultar - Procurar conhecer; inquirir, sondar.
- Boicote - Criar embaraços aos negócios ou interesses de; punir, constranger.
- Blecaute - Escurecimento completo.
- Cacoete - Movimento ou contrações repetidas e involuntárias de músculos; tique.
- Carrancuda - Que denota mau humor; trombuda, emburrada.
- Cético - Que duvida de tudo; descrente.
- Cocorotes - Pancadas na cabeça com o nó dos dedos; croques, cascudos.
- Conceber - Dar à luz, gerar; inventar, criar, planejar.
- Conjectura - Juízo ou opinião sem fundamento preciso; suposição, hipótese.
- Conluio - Combinação entre duas ou mais pessoas para lesar outrem; conspiração.
- Contenda - Debate, alteração, disputa, controvérsia. Guerra, luta, combate, peleja.
- Contrito - Que tem contrição; pesaroso, arrependido.
- Contumaz - Grande teimosia; obstinação, afinco, pertinácia.
- Correligionário - Que ou aquele que é da mesma religião, partido, doutrina que outrem.
- Demanda - Procura.
- Dissabor - Desgosto, mágoa, tristeza. Contrariedade, aborrecimento, desprazer.
- Entojo - Nojo que certas mulheres experimentam no período de gravidez.
- Envergadura - Importância, capacidade, aptidão, competência.
- Epílogo - Capítulo ou cena final de um livro ou peça teatral.
- Esnober - Sentimento de superioridade.
- Esquivar - Evitar o trato, a conversação.
- Falcatrúas - Abuso de confiança; ação praticada de má-fé.
- Frenesi - Delírio, desvario, entusiasmo delirante, excitação, arrebatamento.

Guri – Criança.
Hediondo - Pavoroso, sórdido.
Imputabilidade – Responsabilidade.
Indagar - Perguntar, investigar, pesquisar, averiguar.
Indulto – Perdão, desculpas.
Intercessão - Ato de interceder; intervenção.
Inusitado – Não usado, não usual, incomum, estranho.
Leviandade - Sem seriedade, inconstante, imprudente.
Mancebo – Rapaz, jovem.
Matutar - Pensar ou refletir em algo; cismar, planejar, pensar insistentemente.
Melindrar - Ofender, magoar.
Missiva - Carta ou bilhete que se manda a alguém.
Mutismo – Mudez, silêncio.
Ojeriza - Aversão, antipatia a pessoa ou coisa.
Pagã - Aquela que não tem fé religiosa ou não tem respeito ou deferência para com as crenças religiosas alheias.
Perspicácia - Agudeza de espírito, astúcia, lábia.
Petição – Requerimento, pedido, solicitação.
Pontear - Dedilhar (cordas de instrumento).
Pressagiar – Prever, adivinhar, pressentir.
Provação - Situação aflitiva ou penosa.
Prorrogar – Fazer durar além do prazo estabelecido; estender, ampliar, prolongar.
Puerperal – Referente a um parto recente; período pós-parto.
Radar - Equipamento para localizar objetos móveis ou estacionários e medir-lhes a velocidade.
Regalia - Privilégio, vantagem.
Reputação - Fama, estima; conceito em que uma pessoa ou nação é tida.
Rescisória - Anulação de um contrato; rompimento, corte.
Resquício – vestígio, indício, sinal.
Riste – Dedo em riste; em posição erguida.
Ritual - Realização regular ou repetitiva de gestos, costumes; rito.
Rompante - Reação impetuosa e/ou violenta, ditada especialmente por sentimento de fúria ou de raiva.
Sarcástica – Irônica, maliciosa.
Senilidade - Fraqueza intelectual resultante da velhice; próprio da velhice.
Simultânea - Que ocorre ou é feito ao mesmo tempo ou quase ao mesmo tempo que outra coisa; concomitante.
Sparring - Parceiro de boxeador para treinar.
Subterfúgio – Meio empregado para se esquivar a dificuldades; pretexto, evasiva.
Suntuoso - Em que há grande luxo; pomposo, magnífico.
Surdina - Pelas caladas; sorratamente, mansamente; sem barulho ou ruído.
Taciturno - Que fala pouco; silencioso, calado, triste.
Tarifa - Preço de serviço público como correio, transportes, energia elétrica.
Tributo – Homenagem.
Troncho - Curvado para um dos lados; torto.



Chegamos ao vigésimo ano do Grupo Projetos de Leitura que iniciou as suas atividades de incentivo à leitura em 1998, com o projeto Encontro com o Escritor. A partir daí vários projetos foram criados e desenvolvidas diversas atividades de incentivo à leitura com a proposta de desmistificar o slogan “brasileiro não gosta de ler” e contribuir para a formação de um Brasil Leitor. Esta foi a força motriz que levou o escritor, cronista e dramaturgo Laé de Souza a criar, entre outros, os projetos de leitura **Ler é Bom, Experimente!, Lendo na Escola, Leitura no Parque, Viajando na Leitura e Dose de Leitura.**

No projeto **Ler é Bom, Experimente!** são doados lotes de 38 a 114 livros a cada escola participante. Os alunos desenvolvem atividades de leitura e criação de textos e no final é publicado uma coletânea com os melhores textos produzidos pelos estudantes. Já participaram do projeto escolas de todos os Estados do Brasil.

O projeto **Leitura no Parque** tem como objetivo proporcionar entretenimento e incentivar o hábito da leitura em parques públicos. O trabalho consiste no empréstimo das obras de autoria do cronista aos visitantes de diversos espaços abertos em São Paulo.

O projeto **Viajando na Leitura** visa oferecer leitura a usuários de transportes públicos e é realizado em terminais rodoviários de ônibus, aeroportos e estações do metrô, com a proposta que após a leitura o livro seja “esquecido” em outro local público.

O projeto **Dose de Leitura** é realizado em parceria com hospitais e direcionado aos pacientes e acompanhantes. São doados aos hospitais um carrinho expositor das obras e um lote de livros.

O projeto **Caravana da Leitura** consiste na venda de livros, a preço simbólico, para estudantes e ao público em geral, nas praças públicas de várias cidades, com a presença do autor e em parceria com as Secretarias de Educação, de Cultura e de Turismo dos municípios.

Obras do Autor



- **Quinho**
- **Radar, o cãozinho**
- **Bia e a sua gatinha Pammy**
- **Quem sou eu**
- **Minha história**
- **Quinho e o seu cãozinho - Um cãozinho especial**
- **Quinho e o seu cãozinho - Novos amigos**
- **Quinho e o seu cãozinho - Férias na fazenda**
- **Quinho e o seu cãozinho - Acampamento escoteiro**
- **Nick e o passarinho falante**
- **Sofia - Ser solidário é dez**
- **Nick e Bia na Floresta Encantada**
- **Acontece... (impressão regular e em braile)**
- **Nos Bastidores do Cotidiano (impressão regular e em braile)**
- **Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile)**
- **Acredite se quiser! (impressão regular e em braile)**
- **Coisas de Homem & Coisas de Mulher**

E-mail

laedesouza@projetosdeleitura.com.br

Conheça os projetos

Ler é Bom, Experimente!

Minha Escola Lê

Lendo na Escola

Leitura no Parque

Viajando na Leitura

Dose de Leitura

Caravana da Leitura

Minha Cidade Lê

Leitura não tem Idade

no site:

www.projetosdeleitura.com.br



E-mail: contato@projetosdeleitura.com.br

(11) 2743-9491 – 2743-8400

WhatsApp: (11) 95272-9775

Facebook: facebook.com/projetosdeleitura

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.